



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
**CAMPUS ERECHIM**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

INDIANA PICOLO VIAL

**DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NO BERÇÁRIO: REFLEXÕES, REGISTROS E  
PROPOSTAS**

Erechim  
2014

**INDIANA PICOLO VIAL**

**DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NO BERÇÁRIO: REFLEXÕES, REGISTROS E  
PROPOSTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho

Erechim  
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Av. Dom João Hoffmann, 312

Seminário Nossa Senhora de Fátima

CEP: 99700-000

Erechim - RS Brasil

**DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação**

Vial, Indiana Picolo

Documentação pedagógica no berçário: Reflexões,  
registros e propostas/ Indiana Picolo Vial. -- 2014.  
59 f.:il.

Orientador: Rodrigo Saballa de Carvalho.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em Pedagogia , , 2014.

1. Iniciando a conversa. 2. Mas afinal, o que é  
documentação pedagógica?. 3. Delineando os caminhos da  
pesquisa: A documentação pedagógica evidenciando as  
vozes dos bebês. 4. Proposições de documentação  
pedagógica. 5. Finalizando a conversa. I. Carvalho,  
Rodrigo Saballa de, orient. II. Universidade Federal da  
Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

INDIANA PICOLO VIAL

**DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NO BERÇÁRIO: REFLEXÕES, REGISTROS  
E PROPOSTAS.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho

Aprovado em: 10 / 12 / 2014

BANCA EXAMINADORA

RSC

Prof. Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho (UFFS)

Zoraia A. Bitencourt

Prof.<sup>a</sup> Me. Zoraia Aguiar Bitencourt (UFFS)

Rosane Fátima Vasques

Prof.<sup>a</sup> Esp. Rosane Fátima Vasques (15º CRE/ Erechim)

Dedico, com imensa saudade, à minha querida e amada vó Irene, que sempre me fez acreditar que os meus sonhos seriam possíveis.

## **OS MEUS AGRADECIMENTOS**

Agradeço de coração a todos que, de uma forma ou de outra, participaram do desenvolvimento deste estudo.

Ao meu professor e orientador Rodrigo, por compartilhar tantos saberes e experiências. Pelos desafios, cobranças e reflexões. Por me acompanhar e me mostrar como ser perseverante e tolerante, mesmo frente às adversidades.

Um agradecimento em especial à minha família, todo o amor que posso dedicar-lhes seria pouco para agradecer o apoio recebido em minha vida, e que, mesmo nas dificuldades, sempre me motivaram a continuar em frente.

Ao meu irmão Rafael, por todo o apoio e incentivo à vivência deste desafio.

Aos meus amigos, pela paciência e ombro amigo nos momentos em que mais precisei.

“De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro.”

**Fernando Sabino**

## **RESUMO**

Esta pesquisa apresenta a importância da documentação pedagógica no berçário, bem como as contribuições da mesma no processo de autoformação docente. Desse modo, são apresentadas considerações sobre a diferença entre documentação pedagógica, além de estratégias de documentação. O objetivo da pesquisa é a reflexão sobre a importância da documentação pedagógica para o acompanhamento do desenvolvimento dos bebês e para autoformação docente. Metodologicamente, através da análise livros e pesquisas sobre o tema em questão, a documentação pedagógica é apresentada na pesquisa como uma ferramenta que evidencia as experiências dos bebês, suas construções de narrativas e ações autônomas expressas no cotidiano da instituição de Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil. Documentação Pedagógica. Autoformação docente.

## SUMÁRIO

<b>1 INICIANDO A CONVERSA .....</b>	<b>10</b>
<b>2 MAS AFINAL, O QUE É DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA? .....</b>	<b>13</b>
2.1 INICIANDO A CONVERSA: A DIFERENÇA ENTRE REGISTRO E DOCUMENTAÇÃO .....	13
2.2 OS REGISTROS E AS PRÁTICAS DOCENTES .....	14
2.3 A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA COMO PROCESSO INVESTIGATIVO .....	17
<b>3 CAMINHOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>25</b>
<b>4 DELINEANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA: A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA EVIDENCIANDO AS VOZES DOS BEBÊS .....</b>	<b>27</b>
4.1 REGISTRAR, REFLETIR, RELEMBRAR: O DIÁRIO DOCUMENTANDO AS EXPERIÊNCIAS DAS CRIANÇAS .....	30
4.2 A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA COMO CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS .....	34
4.3 A DOCUMENTAÇÃO EVIDENCIANDO A AUTONOMIA E AS AÇÕES DOS BEBÊS .....	41
<b>5 PROPOSIÇÕES DE DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA .....</b>	<b>46</b>
5.1 PROPOSTAS ESCRITAS: DOS PORTFÓLIOS AOS DIÁRIOS .....	46
5.2 DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: UMA PROPOSTA VISUAL E AUDIOVISUAL .....	50
<b>6 FINALIZANDO A CONVERSA .....</b>	<b>54</b>
<b>7 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>57</b>

## 1 INICIANDO A CONVERSA

A documentação pedagógica vem sendo discutida no campo da Educação Infantil como importante para qualificação do trabalho docente, pois a mesma elucida a ação individual de cada criança, sua forma de pensar, ver, aprender e descobrir o mundo. Registrar, fotografar, tomar nota do que as crianças estão dizendo, fazendo e reproduzindo, têm sido cada vez mais frequente nas escolas de Educação Infantil, embora sejam “realizadas de maneira acrítica ou burocrática.” (MARQUES, 2011, p. 103), pois as professoras estão somente registrando o que as crianças estão falando ou mostrando sem um propósito definido. Por outro lado, a documentação pedagógica pode servir como estratégia de organização dos registros produzidos sobre o desenvolvimento das crianças a partir de múltiplas linguagens, visibilizando os processos de aprendizagem decorrentes das propostas desenvolvidas, além de contribuir indefectivelmente para reflexão da professora a respeito de sua prática docente.

Com a documentação, as crianças estão mais visíveis. Suas aprendizagens tornam-se mais visíveis por meio de fotografias, do diálogo e dos documentos produzidos. A documentação ajuda os educadores a escutar e observar as crianças, possibilitando entender como exploram e constroem sua leitura do mundo e como acontecem seus processos de aprendizagem. Além disso, a documentação pedagógica favorece o processo de reflexão sobre o modo como enxergamos a criança, as construções de infância que perpassam nosso olhar e nossas intervenções como educadores.

A documentação pedagógica é importante, pois os efeitos provocados da mesma na vida das crianças são uma maior confiança, ser escutadas, sua concentração, elas aprendem com os outros e melhoram seus relacionamentos e interações. Possibilita também a ampliação dos espaços de aprendizagem e desenvolvimento da criança, para conhecer seus modos de ser e agir em diferentes espaços, “a documentação possibilita dar visibilidade ao trabalho da criança, conferindo a ele legitimidade; possibilita ainda compreender as hipóteses e teorias por ela formuladas, problematizando e articulando suas aprendizagens.” (MARQUES; ALMEIDA, 2011, p. 418)

No processo de formação do professor, os efeitos da documentação são trabalhos em equipe, sintonia, diálogo, profissionalismo e confiança nas crianças. A documentação possibilita aos educadores escutar e observar as crianças, entender como exploram o mundo e constroem suas aprendizagens. É uma ferramenta indispensável para organizar, analisar e reavaliar a prática docente. Surge como pesquisa para a prática docente e possibilita dar

visibilidade a várias formas de compreender a criança, as suas realizações e os processos de aprendizagem que ocorrem durante o trabalho educativo.

Diante das pesquisas a respeito da documentação pedagógica, como as de Gontijo (2011), Kinney e Wharton (2009), Lopes (2009), Marques e Almeida (2011), Petry (2009), resolvi levantar as contribuições de tais estudos para a prática docente na Educação Infantil, bem como as contribuições da documentação pedagógica para reflexão dos processos de aprendizagem dos bebês e também desafiar-me em ultrapassar as metodologias tradicionais de ações nas escolas de Educação Infantil.

Desse modo, a partir dos argumentos expostos, posso dizer que a motivação pela escolha do tema deu-se a partir de leituras de pareceres descritivos de professoras de Educação Infantil, nos quais ficava evidente a dificuldade de detalhar com riqueza acontecimentos do dia-a-dia das crianças. A documentação pedagógica confere visibilidade para os pais a respeito dos processos de aprendizagem das crianças. Além disso, a documentação permite aos professores reconstruírem e reinterpretarem suas aprendizagens e vivências, constituindo os mesmos como pesquisadores de suas práticas. Por essa razão, fica evidente a relação entre documentação pedagógica e avaliação. É através desta documentação que vai facilitar ao professor sua escrita de pareceres descritivos, pois terá registrado a criança no grupo e nas atividades, seu desempenho no dia-a-dia nas atividades e suas relações com os outros, bem como as curiosidades dos comportamentos das crianças que ilustram seu desenvolvimento, o professor reflete sobre o seu trabalho, olhando os processos de aprendizagens documentados e tem a possibilidade de realizar novos planejamentos.

Em virtude do apresentado nesta pesquisa, elenco como meus objetivos mais significativos possibilitar o conhecimento e a reflexão sobre a importância da documentação pedagógica para a avaliação e autoformação docente, bem como proporcionar maior entendimento em relação à realização de uma documentação pedagógica.

De modo que, pela análise de conteúdo das propostas, posso identificar a contribuição da documentação pedagógica para a prática docente na Educação Infantil, bem como reconhecer quais são os fundamentos teóricos da documentação pedagógica e modos de funcionamento.

Portanto, para dar prosseguimento a nossa conversa, divido este trabalho em três capítulos: *Mas afinal, o que é documentação pedagógica?*; *Delineando os caminhos da pesquisa: a documentação pedagógica evidenciando as vozes das crianças e Proposições de documentação pedagógica*. No primeiro capítulo, apresento um panorama histórico sobre a

documentação pedagógica como um processo investigativo e a diferença da mesma com o registro; no segundo capítulo, apresento minhas análises das obras que tratam sobre a documentação pedagógica e, por fim, no último capítulo, apresento minhas proposições sobre o documentar.

## 2 MAS AFINAL, O QUE É DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA?

Alguns conceitos como a diferenciação entre o registro e documentação pedagógica, práticas docentes e a documentação pedagógica como um processo investigativo serão apontados neste capítulo, o mesmo, dividido em três seções: *Iniciando a conversa: a diferença entre registro e documentação; Os registro e as práticas docentes e a documentação pedagógica como processo investigativo.*

### 2.1 INICIANDO A CONVERSA: A DIFERENÇA ENTRE REGISTRO E DOCUMENTAÇÃO

O primeiro contato da criança com uma instituição educacional é através da Educação Infantil. Deste modo, este segmento da educação precisa proporcionar à criança um lugar e um tempo no qual deve ser oferecido um trabalho que privilegie a intencionalidade e a organização do trabalho comprometidos com o desenvolvimento e formação das qualidades humanas.

Ser professor da Educação Infantil demanda observar, selecionar, refletir, organizar, criar e recriar, construir práticas, analisar criticamente sua prática, concretizar diálogos e reflexões sobre o modo de como a criança está aprendendo e se desenvolvendo, pois, a partir disto, é que o professor vai promover ações de intervenções no trabalho com as crianças.

A escola, assumindo o papel de promotora de aprendizagens coletivas e individuais a seus membros, através de sua organização, evolui em suas aprendizagens no coletivo, oportunizando formação e qualificação a seus membros.

Os registros de práticas já ocorriam nas escolas muito antes de pesquisas ou publicações, seja de maneira individual, onde as professoras produziam seus registros, relatos de observações, seus cadernos contendo o planejamento, bem como lembretes e informações por iniciativa da instituição escolar ou da gestão, seja ela no âmbito municipal ou estadual, ou para cumprimento de obrigações legais. Embora essas práticas de registros já ocorressem por parte de algumas professoras, eram de domínio privado, ou seja, a grande maioria não foi publicada.

Registrar não diz respeito a anotações aleatórias dos planejamentos nos quais os professores somente colam folhas de atividades nos seus diários. O diário do professor, por sua vez, é um instrumento para reflexão. Pecoits (2012) nos coloca o diário como reflexão de

quem escreve sobre a prática, portanto, possibilitador de formação. Madalena Freire (1996) afirma que o registro por escrito organiza o pensamento e o mesmo permite refletir sobre o escrito, juntamente com o vivido.

Os bilhetes da coordenação, a lista de atividades que será desenvolvida com as crianças, as folhinhas xerocadas são registros potentes para se pensar a prática. Desta forma, Pecoits (2012) coloca que o registro é uma ferramenta que auxilia na escrita das avaliações dos alunos, bem como possibilita perceber a atuação do professor junto às crianças, refletir sobre a prática docente e apropriar-se do trabalho com as crianças.

## 2.2 OS REGISTROS E AS PRÁTICAS DOCENTES

É através de registro de práticas que o professor constitui uma memória do seu trabalho, o mesmo como um produtor de saberes e autor de suas próprias práticas. Registrar a prática não é tarefa fácil, pois demanda tempo, uma vez que a mesma é construção de saberes, reflexão e diálogo com a teoria, não é apenas técnica. “O registro precisa ser experimentado, vivido.” (MARQUES, 2010, p. 20). É por meio do registro que o professor desenvolve a construção e reconstrução de sua prática.

Para ser um professor reflexivo, a escola precisa dar condições para que isso ocorra, a escola precisa dar abertura, disponibilizar tempo e proporcionar momentos de troca desses registros de práticas entre os professores, pois, como afirma Marques (2010):

Pensar o registro enquanto postura/proposta assumida pelo coletivo implica refletir sobre a escola enquanto *organização aprendente*<sup>1</sup>, espaço de aprendizagem e formação não apenas para os alunos, mas também para os professores enquanto indivíduos e para a escola enquanto grupo. (p.21)

O elemento essencial ao trabalho docente é o registro da prática, o mesmo é essencial para o processo de construção de uma escola de Educação Infantil de boa qualidade para as crianças, professores e suas famílias.

Madalena Freire (1996, apud. MARQUES, 2010, p. 22) apresenta o registro de práticas como um instrumento do trabalho docente, juntamente com o planejamento, a observação e a reflexão. Esses elementos fazem parte da ação pedagógica, pois observar e refletir sobre a prática educativa através do registro fornece elementos para o planejar,

---

<sup>1</sup> Grifo da autora

levando assim para a avaliação. Segundo a autora, “registrar a prática significa estudar a aula, refletir sobre o trabalho, e abrir-se ao processo de formação.”

Registrar diz respeito à escrita do professor diante de sua prática ou a relatos de situações ou acontecimentos, tem como foco o professor e sua prática. O ato de registrar está diretamente ligado à memória, o mesmo auxilia no resgate da compreensão de significados pelas crianças e permite a compreensão do que se faz e porque se faz, pois as experiências vividas pelas crianças vão se constituindo como história.

O registro demanda cuidado e hábito, pois registrar é importante, bem como a observação. Registrar aquilo que se observa é refletir, refletir é rever a prática docente, é aprofundar a intencionalidade, refletir é uma exigência quanto ao trabalho de documentação pedagógica. O registro pode possibilitar a reflexão do trabalho pedagógico como também da aprendizagem da criança, serve como construção de memória e reconstrução da prática, é um meio de aprendizagem onde se percebe o crescimento das crianças.

A observação é fundamental para o processo de documentação, pois, ao observar, o professor recolhe informações a serem registradas e pensadas para orientar as ações e intervenções pedagógicas. Ao observar, o professor coleta dados sobre o processo de aprendizagem das crianças e, ao coletar os dados, o mesmo pode compreender como a criança aprende.

Quando o professor observa, o mesmo precisa dispor de uma teoria apropriada que leve à orientação de critérios para esse observar, porque observar é olhar, mas não é um olhar para tudo e, quando o professor consegue estabelecer uma relação com a teoria e sua prática oferecendo sustentação para o seu pensar e agir, a documentação torna-se um processo de reflexão e transformação de sua prática.

[...] quando não encontramos os elementos mediadores que concretizem a teoria – as concepções e as intenções – sob a forma de ações, não tratamos de teoria, mas de discurso. Anunciamos algo que não nos oferece elementos mediadores para concretizar; anunciamos intenções que sem ter as bases concretas para torna-las práticas não se concretizam. Sem conhecer ações que concretizem a teoria, esta não sai da condição de anúncio e nossas práticas acabam por acontecer sem concretizar a teoria que anunciamos; concretizam, sim, uma outra “teoria”, o senso comum. (MELLO, 2007b. apud. MENDONÇA, 2009, p. 89)

Quando o professor apropria-se de uma teoria que possibilite entender o processo pedagógico e pensar a aprendizagem da criança, o mesmo reconhece que observar não é olhar tudo, mas direcionar o olhar a aspectos importantes para aprender e compreender os processos

das crianças observadas. A observação precisa ter um foco, intenção, sistematização, sobre o que e como as crianças estão aprendendo e suas interações enquanto grupo.

Observar na Educação Infantil é fundamental, pois com a observação o professor vai coletar dados sobre como a criança age, pensa, faz suas escolhas diante das atividades e como a mesma se relaciona no grupo. Observar vai muito além da sala de aula; pode-se observar na hora do lanche, nas brincadeiras realizadas no pátio da escola, e ao coletar todos esses dados, o professor consegue pensar em ações para desenvolver tanto em sala de aula como fora de sala. A observação é essencial e faz parte do trabalho docente. É com a observação que os professores conseguem relatar às famílias as realizações e as dificuldades das crianças, bem como o seu desenvolvimento, sua interação e seus processos de aprendizagem.

Ao observar, a professora estará fazendo o exercício do registro, o mesmo é importante para a manutenção da memória. Registrar é tomar nota do que as crianças falam e realizam. O registro é importante para saber o que está acontecendo e ter elementos para decidir o que vai ocorrer depois. Registrar serve de apoio para reorganizar o planejamento.

Registrar e tomar nota do que acontece em sala de aula, as discussões das crianças, suas ações, brincadeiras e, posteriormente, refletir sobre isso, para depois conduzir esse pensar para a próxima etapa. O registro não deve ficar somente a dispor do professor, o mesmo deve ser compartilhado com as crianças para assim ter a participação das mesmas no processo de repensar suas ações e aprendizagens.

Quando o professor disponibiliza para as crianças os registros, o mesmo envolve-as no que está acontecendo, uma vez que a documentação é tomada de decisões e esta, por sua vez, auxilia na revisão do que foi proposto e na avaliação dos processos finais.

Os registros, quando realizados pelas crianças no decorrer das atividades, serve como suporte para o professor compreender as aprendizagens das crianças. O professor, ao valorizar as produções das mesmas, levando para as paredes as construções das crianças, demonstra reconhecer que:

[...] As paredes de uma unidade educativa, não devem ser mudas, mas anunciar o que se faz lá dentro, expor a vida que se vive lá dentro. É preciso mostrar o que se faz, assim valorizando o trabalho desenvolvido. Além disso, sem registro das experiências desenvolvidas não há como partilhar as experiências diferentes e sem partilhar não há crescimentos das pessoas envolvidas nessa tarefa de construir a identidade educacional das nossas creches e pré-escolas. A própria relação creche/família ou pré-escola/família exige que se registre e documente o trabalho desenvolvido com as crianças e se quisermos fazer florescer essa relação, a comunicação com a família será essencial. (MELLO, 2002, p. 36)

Registrar não é somente para o professor, mas o mesmo contribui para a criança, pois se contempla o vivido, suas ações, ajuda a repensar o que a mesma pode vir a realizar. As crianças, ao participarem do ato de registrar, podem aprender o significado da escrita e apropriar-se da sua função social.

Os registros são uma forma de ouvir o que as crianças têm a dizer, a fim de ampliar os seus conhecimentos e contribuir para o seu desenvolvimento. O registro revela as falas das crianças, suas perguntas, o planejamento do professor é realizado com as crianças, e não para as crianças.

[...] a criança [precisa ser compreendida] como sujeito de sua atividade, capaz e competente na sua relação com o mundo. Tal visão contribui para uma criança rica em potencialidades e competências, ativa e ansiosa para se engajar no mundo da cultura, historicamente constituído. A infância, por sua vez, é entendida não como um acontecimento estático, mergulhado em um vazio social, mas sim como um fenômeno concreto (material e imaterial) e, por isso, mediatizado por temas sociais, políticos e econômicos do mundo contemporâneo. (SOUZA, 2007, apud. MENDONÇA, 2009, p. 97)

As possibilidades de registro são inúmeras, tais como: suas produções, fotografias e as descrições do que as mesmas fazem e falam. O registro fotográfico, por sua vez, não pode ser aquele que ficou “mais bonito”, pois a fotografia é para contar a história de como as crianças foram desenvolvendo as fases das atividades, fotografar é mais para ilustrar o processo do que focar nos resultados. Ao se registrar fotograficamente o que as crianças foram produzindo, quais as etapas que as mesmas vivenciaram é muito mais válido para o desenvolvimento das aprendizagens das crianças.

### 2.3 A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA COMO PROCESSO INVESTIGATIVO

Para que haja documentação, é preciso registrar. Só que a documentação é um modo de organização dos registros produzidos pelo professor, é o mesmo que vai definir o que vai ser documentado, pois tem como objetivo documentar o processo de aprendizagem das crianças.

A divulgação bibliográfica da experiência italiana para a Educação Infantil, tendo como destaque a cidade de Reggio Emilia, onde as educadoras italianas registravam as realizações infantis, acumulando anotações, descrições de atividades, reflexões dos processos de vivência das crianças, constitui um grande impulso à ideia de documentação pedagógica.

Essa ideia vem fortalecer e ampliar as concepções de registros de práticas do trabalho pedagógico.

A documentação pedagógica em Reggio Emilia era procedida através da escuta, na qual os registros das realizações das crianças eram observados, ouvidos e acompanhados com dedicação e cuidado e, posteriormente, registrados. Fochi (2013) vai apontar a observação da escuta como sendo reflexiva, pois é uma forma de conhecer mais a criança, o contexto ao qual as mesmas estão inseridas e como são produzidos seus conhecimentos.

O ato de documentar está diretamente ligado ao processo de pensamentos, sentimentos, interesses e capacidades das crianças. Segundo Gandini e Goldhaber (2002, apud. MENDONÇA, 2009, p. 16), documentação pedagógica é:

[...] um processo cooperativo que ajuda os professores a escutar e observar as crianças com quem trabalham, possibilitando, assim, a construção de experiências significativas com elas. A documentação, interpretada e reinterpretada junto com outros educadores e crianças, oferece a opção de esboçar roteiros de ação que não são construídos arbitrariamente, mas que respeitam e levam em consideração todas as pessoas envolvidas. O processo de documentar é capaz de ampliar a compreensão dos conceitos e das teorias sobre as crianças com a convicção de que, tanto para as crianças quanto os adultos, a documentação serve de apoio aos seus esforços para entender e para se fazer entender.

Documentar tem a ver com investigação, elaboração de hipóteses por parte dos professores, observação sobre o que dizem, fazem, produzem e pensam as crianças, o que permitem às mesmas construir memória sobre suas experiências, socializar e comunicar. Documentar não somente para as crianças, mas com elas, documentar para as famílias e para os próprios professores.

Muitas professoras registram em um caderno seus planos de ensino, porém não há uma preocupação em descrever situações ocorridas, relatar as realizações e progressos das crianças durante as aulas. Desta forma, a documentação vem efetivar os registros do trabalho pedagógico. Essa documentação da aprendizagem e do desenvolvimento da criança pode ocorrer a partir de: fotos em sequência, vídeos, diários, gravações em áudio, coleta de trabalhos realizados pelas crianças, anotações no caderno de registro de fatos interessantes, transcrição de falas das crianças para serem revisitadas e analisadas posteriormente.

Segundo Kinney e Wharton (2009), as crianças precisam ser ouvidas, pois as mesmas têm muito para dizer e contar, e os educadores precisam entender o que as crianças querem nos passar. Para se desenvolver, pensar e praticar o currículo na Educação Infantil, é necessário escutar a criança. A documentação é a narrativa e, neste sentido, subjetiva a vida

das crianças, bem como dos professores, a mesma torna visível os processos e as aprendizagens das mesmas. Pensando nesse sentido, Paulo Fochi (2013), em sua pesquisa de mestrado “Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?”: documentando as ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva”, publica as ações dos bebês através de “mini-histórias”.

As crianças são produtoras de ideias, as mesmas aprendem desde o nascimento, produzindo sentido, cultura e questionando o mundo que as cerca, “a criança pequena é um construtor de teorias. A criança pequena aprende se comunicando, expressando seus conceitos e teorias e escutando os outros.” (RINALDI, 2002, apud. KINNEY; WHARTON, 2009, p.28) Por isso, o trabalho pedagógico demanda reflexão da prática, para que ocorra de maneira enriquecedora o processo educativo. O professor necessita observar, registrar e analisar reflexivamente as possibilidades de aprendizagem das crianças.

Desta forma, a documentação pedagógica tem como foco a elaboração da experiência e comunicação. As fotografias, as produções das crianças, bem como os relatos de situações vivenciadas compõem a documentação. Ela implica em selecionar, organizar, elaborar, refletir, observar o passado, para compreender o presente e planejar o futuro do trabalho educativo.

Ao documentar sobre o que observou, registrou e refletiu, o professor vai construindo significados para o que ensina, e, sobretudo para o que as crianças aprendem. O professor quando documenta reflete sobre o realizado, o mesmo aprende com sua própria prática quando revê a mesma tendo como ponto de partida o referencial teórico. (MENDONÇA, 2009.)

Registrar é descrever o ocorrido, é filmar, fotografar, escrever. Registrar é essência da documentação pedagógica, uma vez que expressa e dialoga com o ambiente. Registrar implica percorrer e reconstruir fatos e situações ocorridas para refletir, concretizar e aperfeiçoar o trabalho docente.

Documentar possibilita construir memória e refletir o processo, permite revisitar falas e ações por parte das crianças e dos educadores, construindo, assim, novos significados. A documentação revela uma criança mais competente, pois a mesma torna-as mais visíveis, bem como suas opiniões, percepções e vozes. As crianças tornam-se capazes e têm sua confiança aumentada, o que as possibilita se envolver em grupos, produzindo diálogos umas com as outras e com os professores.

A documentação pedagógica é um instrumento para a comunicação e socialização das experiências, pensamentos e produções das crianças, a mesma é parte integrante do projeto pedagógico e elemento essencial no trabalho da Educação Infantil.

Segundo Pasquale (2002), a documentação é recuperação, escuta e reelaboração de experiências. A documentação é uma ação reflexiva sobre a experiência vivida; é conhecimento do processo, é elaboração, sentido, não apenas narração, mas sim um processo de formação.

Para se documentar, precisa-se selecionar um foco a partir das intenções e objetivos do professor. A documentação é intencional, planejada e pode ocorrer de diferentes maneiras, implica decisões sobre “o que documentar, quem documentar, onde documentar, quando se documentar, porque se documentar, como se documentar e para quem se documentar.” (PARODI, 2001).

Documentar implica reflexão, buscar sentidos, construir significados para compreender o trabalho pedagógico. A documentação pedagógica pode servir como instrumento para a prática crítica e reflexiva, bem como enxergar e dar visibilidade para a criança enquanto pessoa pensante.

O professor documenta para descobrir e conhecer as práticas pedagógicas em relação à criança, documentar para analisar e reconstruir o processo didático, documentar para conversar a memória das experiências, documentar junto com as crianças permitindo a reconstrução de suas experiências e documentar para informar e comunicar a relação com as famílias. (BENZONI, 2001)

Desta forma, as crianças também produzem documentação como forma de construir memórias de suas experiências, bem como apropriar-se de seus processos de aprendizagem. Já as documentações produzidas pelos professores podem ser dirigidas às famílias, a outros professores como forma de planejamento e avaliação da ação.

A documentação pode oferecer as crianças uma memória do que disseram e fizeram, pode oferecer aos professores uma ferramenta para pesquisas e aos pais informações sobre o trabalho desenvolvido na escola, pois documentar implica fazer-se entender.

Outro aspecto importante da documentação pedagógica é aprender a observar e interpretar gestos e falas das crianças: cabe ao professor escutar e observar as crianças para conhecê-las melhor. A documentação possibilita o conhecimento de como as crianças constroem e exploram o mundo que as cercam e como se dá o processo de aprendizagem.

A documentação não serve apenas para a divulgação do trabalho docente, mas serve como planejamento. A mesma deve ser ágil para possibilitar a mensagem que se quer transmitir. (MARQUES, 2010)

A documentação pedagógica tem várias funções: pode-se documentar para as crianças a fim de perceberem suas conquistas e progressos; para as famílias, como forma de diálogo e socialização dos projetos educativos e para outros professores como um instrumento de partilha para planejar e refletir sobre a prática pedagógica.

Existem diversas formas para se realizar uma documentação pedagógica que variam a partir dos objetivos a serem alcançados. Esses processos são: Diários de bordo, que contenham fotos, palavras e desenhos das crianças, diário pessoal da criança, que são os materiais coletados ao longo do ano, diário da escola, contendo fotos, desenhos, breves narrativas das crianças, murais, painéis, vídeos, entre outros.

Além de possibilitar à criança a construção de memória sobre suas experiências, a documentação pedagógica pode ser entendida como um projeto, pois a documentação do ano passado pode ser usada no ano seguinte para fazer a recepção das crianças e tudo vai sendo documentado. A documentação pedagógica que é produzida pelos professores pode ser entendida como um instrumento para conhecer, projetar e enriquecer conhecimentos e refletir o projeto coletivo da escola.

O significado da abordagem da documentação para os professores favorece na autoformação, pois a mesma é um instrumento de investigação onde o professor reúne informações que o levam a refletir sobre suas práticas e implicações para a aprendizagem das crianças. (MENDONÇA, 2009)

Quando o professor descrever sobre as realizações infantis, o mesmo está refletindo sobre as aprendizagens das crianças, interpretando as situações vivenciadas, por isso a documentação é um “espaço de produção histórica daquele que ensina e daqueles que aprendem, quando promove condições para o pensar e o repensar do próprio fazer [...]” (MENDONÇA, 2009, p. 78)

A documentação envolve por parte do professor um processo de formação constante, oferecendo reflexão sobre o aprendido do mesmo e visualizando esse processo de formação quanto ao seu modo de pensar e buscar significados para a sua prática. A documentação, além de autoreflexão para a formação de conceitos e teorias por parte do professor, também estimula o trabalho coletivo, a partilha de conhecimentos, dúvidas e dificuldades. Desta forma, a documentação perpassa as paredes da sala de aula, aproximando, assim, os

professores e ampliando seus conhecimentos, compreensões e significados, pois os mesmos estão aprendendo uns com os outros.

Com a documentação pedagógica, o professor torna-se pesquisador de sua prática, pois a mesma atinge o seu domínio pelo conhecimento relativo quanto aos conteúdos a serem passados e os conteúdos que sustentam a ação de ensinar. A documentação é autoconhecimento quando está ligada a elementos que oferecem reconhecimento de seus limites e possibilidades.

Documentar a prática pedagógica surge como necessidade do professor de que as crianças aprendam ao máximo e consigam desenvolver sua inteligência e personalidade. A atividade de documentar é usada como um instrumento para o professor potencializar o processo de aprendizagem da criança.

A documentação pedagógica inclui-se na atividade docente e tem como ações observar, registrar, analisar e refletir, pois, quando isso ocorre, o professor está estabelecendo um diálogo entre a teoria e a prática, fazendo isso, estará aperfeiçoando sua prática docente para favorecer e organizar a aprendizagem das crianças.

Observar e registrar seja na forma de escrita, gravação ou filmagem da aula, organizar os dados, em diários, pautas; refletir e analisar esses dados obtidos diante das atividades é uma estratégia necessária para a atividade docente, uma vez que possibilitam um conhecimento teórico mais profundo, auxilia na realização de um trabalho docente e melhora a capacidade de reflexão sobre a prática.

Os motivos que levam um professor a documentar são inúmeros, porém, se a documentação não for para o processo de construção de conhecimentos das crianças, o mesmo pode se configurar como uma mera atividade. Muitos professores documentam porque são obrigados a fazê-lo, seja por ordem da direção ou até mesmo para mostrar o produto final para as famílias, não tem finalidade alguma. Desta maneira, a documentação acaba tendo um fim em si mesma e não se liga a ações como a organização dos dados obtidos, a reflexão e replanejamento das ações do professor, bem como uma série de outras questões a que a documentação levaria. Como afirma Mello (2007, p.12), toda ação do sujeito tem uma intencionalidade:

[...] que é alcançada no final do processo, ou seja, o resultado que o sujeito projeta em nível de ideia antes de começar a agir – e um motivo que deflagra sua ação. O sentido é dado pela relação entre o motivo e o resultado previsto da ação. Se houver uma coincidência entre motivo e objetivo, ou seja, se o sujeito atua efetivamente motivado pelo resultado que alcançará no final da atuação – ou ainda em outras palavras, se o resultado da ação responde a uma necessidade, motivo ou interesse do

sujeito, então a atividade tem um sentido para o sujeito que a realiza. Nesse caso, o sujeito está inteiramente envolvido em seu fazer: sabendo por que realiza a atividade e querendo chegar ao seu resultado.

Quando o professor assume a documentação pedagógica como essencial a sua atividade docente, como uma atividade mediadora entre teoria e prática, o seu agir tem intencionalidade e consciência, pois o professor, nessas condições, sabe o que está fazendo, para que está fazendo e porque está fazendo, sempre motivado pelo resultado dessa prática, intervindo nas situações de aprendizagem por parte das crianças e direcionando os saberes produzidos, alcançando, assim, os objetivos em um nível superior.

A documentação possibilita uma prática mais crítica acerca do fazer docente, a mesma é vista como um instrumento para a organização da reflexão, compreensão, aperfeiçoamento e recomposição da própria prática pedagógica.

A documentação vai muito além do registro, ela serve para envolver o olhar do professor sobre as situações vivenciadas em sala de aula. É a partir da documentação que o professor pode dar continuidade ao planejamento, repensando e reorganizando outras situações para as crianças conforme as suas necessidades. O registro serve como memória do que já foi realizado e como fonte para poder formar e organizar o que ainda se faz necessário realizar.

Partindo da documentação pedagógica é que o professor vai dar continuidade ao planejamento, repensando sua forma de conduzir seu trabalho, para isso, precisa refletir sobre sua prática. Refletir é reconstruir suas ações, compreendendo as razões de seu trabalho e as dificuldades apresentadas pelas crianças. Desta forma, teoria e prática precisam estar diretamente relacionadas: a teoria é quem fundamenta a prática do professor, a mesma aperfeiçoa e transforma a prática.

Registrar é refletir, é construção de conhecimentos sobre as situações vivenciadas. O registro é produto do pensamento, o qual permite à professora organizar seus processos de compreensão de suas práticas de conhecimento.

A documentação é uma atividade intencional, sendo um importante mediadora na relação da teoria e prática. O professor que documenta o faz para conhecimento, ampliação de saberes, como autoformação, não a vive como um momento isolado, meramente burocrático.

Documentar não é simplesmente coletar dados, mas implica em produzir um material que fale por si sobre determinada experiência. É importante, no ato de documentar, empregar uma linguagem e definir os destinatários, pois, a documentação para os familiares tem uma

linguagem, que é bem diferente daquela realizada para os colegas. Segundo Marques (2010, p. 200), “não existe uma única documentação, mas *documentações*. ”

O professor, ao documentar, precisa ter clareza e precisão dos conceitos de documentação, pois a mesma não precisa de alguém que a explique: ela fala por si. Quando isso não ocorre, é porque a documentação não foi bem feita. Desta forma, o professor que documenta precisa estudar, empenhar-se, pois, às vezes, o que é chamado de documentação são meros materiais.

A documentação é parte do projeto da escola, é assumida como um trabalho coletivo e partilhado. Quando se documenta, e posteriormente se compartilha no coletivo, os professores aprendem uns com os outros e acabam crescendo juntos, tendo como foco a criança.

Por documentação pedagógica entende-se o processo de seleção, organização e sistematização de registros. A mesma implica em uma intencionalidade, tratando-se de uma narração de experiências, tendo como base um fio condutor e permite a reflexão sobre a prática.

A documentação produzida por professores, crianças ou professores em conjunto com as crianças possibilita a socialização de experiências. Para as famílias, é uma forma de conhecer de uma maneira mais profunda o trabalho que está sendo realizado pela instituição de ensino e as conquistas das crianças. A documentação permite diálogo e compreensão do trabalho desenvolvido.

Observar, registrar e refletir sobre o que foi realizado e do que realizar exige um embasamento teórico consistente. As professoras, ao observar e registrar, refletem e repensam seu trabalho, quando o fazem, as mesmas aprofundam seus entendimentos da forma como a criança aprende e se desenvolve, reconhecendo as mesmas como sujeitos de suas práticas.

A documentação contribui para a aprendizagem das crianças e o aperfeiçoamento do trabalho educativo. É fundamental no processo de formação dos professores, uma vez que os leva a observar, registrar e refletir acerca de suas propostas educativas e traduzindo-se em aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Por fim, Rinaldi (2012, apud. FOCHI, 2013, p. 78) afirma: “a documentação é esse processo: dialético, baseado em laços afetivos, e também poético; não apenas acompanha o processo de construção do conhecimento como, em certo sentido, o fecunda.” Documentar é uma experiência singular e especial em que a criança percebe seu mundo, expressa o que pensa, formula hipóteses e se expressa em diversas linguagens. A documentação é vista como cultura pedagógica, pois é vivenciada por educadores, coordenadores pedagógicos e crianças.

### 3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Grande parte do conhecimento humano pode ser encontrado em bibliotecas por meio de livros ou outros impressos. A pesquisa, enquanto levantamento bibliográfico será desenvolvida tendo como base livros e pesquisas que tratam do tema. Esta pesquisa bibliográfica possui como objetivo central, encontrar respostas aos problemas formulados. Desta forma, a mesma se configura na consulta e análise dos documentos bibliográficos. (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007)

A primeira etapa desta pesquisa constitui-se por meio do reconhecimento de publicações acerca do assunto. Estas publicações serão exibidas em tabelas de análises para uma melhor organização, sendo: Tabela 1 – Livros; Tabela 2 – Teses/Dissertações.

**TABELA 1 – LIVROS**

<b>OBRA</b>	<b>AUTOR</b>
A paixão de conhecer o mundo (1983)	Madalena Freire
Querido diário? Um estudo sobre registro e formação de professores (2012)	Sariane da Silva Pecoits
Tornando visível a aprendizagem das crianças: Educação Infantil em Reggio Emília (2009)	Linda Kinney; Pat Wharton

Fonte: Próprio Autor

**TABELA 2 – TESES/DISSERTAÇÕES**

<b>OBRA</b>	<b>AUTOR</b>
Bebês produzem música? O brincar-musical de bebês em berçário (2013) - <b>Tese</b>	Aruna Noal Correa
Bebês em suas experiências primeiras: perspectivas para uma escola da infância	Gardia Maria Santos de Vargas

(2014) - <b>Tese</b>	
Encontros, cantigas, brincadeiras, leituras: Um estudo acerca das interações dos bebês, as crianças bem pequenas com o objeto livro numa turma de berçário (2011) - <b>Dissertação</b>	Rosele Martins Guimarães
“Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?”: documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva (2013) - <b>Dissertação</b>	Paulo Sergio Fochi
“Os bebês estão por todos os espaços!”: Um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil (2011) - <b>Dissertação</b>	Carolina Gobbato

Fonte: Próprio Autor

Este levantamento bibliográfico sobre as pesquisas que trabalham com a documentação pedagógica no berçário e como a mesma é abordada por estes pesquisadores constitui-se na segunda etapa do processo. A pesquisa contou com análise do modo de documentar dos pesquisadores junto aos bebês, os recursos que os mesmos utilizam e o que pretendem comunicar com tal documentação. Desta forma, foram realizadas análises da documentação pedagógica transcrita no material.

Não obstante, a pesquisa contou ainda com uma terceira etapa que se refere a um trabalho de proposição de documentação das propostas desenvolvidas no berçário. Neste serão demonstradas algumas possibilidades de documentação pedagógica com os bebês, tais como: fotografias, diários de bordo, gravadores de áudio, filmagens, portfólios, exposições, entre outros.

Deste modo, a documentação pedagógica tem como foco as crianças em seu processo de pensamento, investigação e formulação de hipóteses e que se expressa em diversas linguagens.

#### **4 DELINEANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA: A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA EVIDENCIANDO AS VOZES DOS BEBÊS**

“[...] as crianças têm o direito de serem ouvidas e têm coisas importantes para dizer e nos contar, mas, como adultos, precisamos de capacidade para entender as mensagens que as crianças nos transmitem.” (KINNEY; WHARTON, 2009, p. 21)

A abordagem da documentação pedagógica diz respeito à participação entre adultos e crianças. Escutar as crianças é fundamental para se pensar, desenvolver e praticar o currículo nos ambientes da pré-escola.

Documentar é olhar e escutar. A escuta na pedagogia proposta por Loris Malaguzzi destaca a documentação como estratégia para compreender as crianças e criar significados para as suas experiências e os trabalhos com projetos, levando, assim, à criação de uma pedagogia da escuta. Olhar e escutar atentamente o que as crianças têm a dizer por meio das diferentes linguagens possibilita dar voz às crianças, seus pensamentos, curiosidades, ações, questionamentos e relações estabelecidas por meio da documentação. A aprendizagem, neste sentido, nasce da escuta mútua entre criança e professor, criança e criança e criança e sociedade.

Por meio de uma observação e escuta atenta e cuidadosa das crianças, podemos descobrir uma maneira de enxergá-las e conhecê-las. Quando isso acontece, tornamo-nos capazes de respeitar o que elas são e querem nos dizer. (GANDINI; GOLDBERGER, 2002) As crianças dizem muito para quem está disposto a observá-las, muitos antes mesmo de desenvolverem a fala.

As crianças precisam ser ouvidas e têm coisas importantes para dizer e contar e os adultos precisam compreender o que as mesmas querem transmitir. Desta forma, a documentação pode ser vista como um ciclo de investigação, onde os professores podem fazer anotações rápidas e posteriormente reescrevê-las de maneira extensa, gravar através de câmeras de vídeo ou gravadores de voz as falas e interações das crianças, bem como o registro por meio de fotografias e os portfólios que mostrem as crianças e os professores em atividades.

Segundo Kinney e Wharton (2009), quando utilizada a documentação para trabalhar com as crianças, a capacidade das mesmas de escuta, concentração e confiança aumentam, pois percebem o valor de suas vozes e produções na escola. A documentação pode ser utilizada, dessa forma, como estratégias para que a rotina seja menos fragmentada e com mais sentido.

Com a documentação, as crianças tornam-se mais capazes de se envolver nas atividades e nos processos democráticos, apresentam suas próprias opiniões ao invés de ficarem repetindo respostas dadas pelas outras crianças. As mesmas tornam-se questionadoras, envolvem-se em diálogos com outras crianças e professores aprendendo uns com os outros.

Dessa forma, a documentação leva o professor a ser um investigador de sua prática, pois o mesmo, baseado em um olhar atento, constrói novas ideias sobre as questões relacionadas à aprendizagem e desenvolvimento infantil, busca entender a relação da criança com o ambiente, com os adultos e com outras crianças na forma como constroem o conhecimento.

Diante do exposto, a documentação oferece às crianças uma memória concreta e visível do que fizeram e disseram, ajudando as mesmas a construírem a compreensão de seus pensamentos e ações, percebendo, desta forma, suas competências e potenciais.

Problematizando isso, a questão que me acompanha relaciona-se a quais os modos de documentar dos pesquisadores junto aos bebês, os recursos que os mesmos utilizam e o que pretendem comunicar com tal documentação.

Tendo em vista que a documentação é importante para o contexto da Educação Infantil, enfatizo a documentação dos bebês como de extrema importância, pois a mesma ajuda a dar visibilidade para fatos e situações que, muitas vezes, passam despercebidas pelo adulto, como os rostos, os olhos, a boca, os gestos, a postura, seus níveis de participação, esforços e suas aprendizagens.

Diante disso, irei analisar os modos de documentação com os bebês, a partir da análise de conteúdo. Desse modo, no quadro a seguir apresento as obras analisadas e como se deu a documentação por parte dos pesquisadores:

<b>OBRA</b>	<b>MODOS DE DOCUMENTAR</b>
A paixão de conhecer o mundo (1983) – Madalena Freire	Diários
Querido diário? Um estudo sobre resgistros e formação de professores (2012) – Sariane da Silva Pecoits	Diários
Bambini: A abordagem italiana à educação infantil (2002) – Carolyn Edwards; Lella Gandini	Diários

Tornando visível a aprendizagem das crianças: Educação Infantil em Reggio Emilia (2009) – Linda Kinney; Pat Wharton	Fotografias (Episódios)
Encontros, cantigas, brincadeiras, leituras: Um estudo acerca das interações dos bebês, as crianças bem pequenas com o objeto livro numa turma de berçário (2011) – Rosele Martins Guimarães	Fotografias (Episódios)
“Mas os bebês fazem o quê no berçário heim?”: Documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva (2013) – Paulo Sergio Fochi	Fotografias (Episódios / Cenas)
“Os bebês estão por todos os espaços!”: Um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil (2011) – Carolina Gobbato	Fotografias (Episódios)
Bebês produzem música? O brincar-musical de bebês e berçário (2013) – Aruna Noal Correa	Filmagem (Cenas)
Bebês em suas experiências primeiras: perspectivas para uma escola da infância (2014) – Gardia Maria Santos de Vargas	Filmagem (Cenas)

Fonte: Próprio Autor

Nesse sentido, Correa (2013) aborda e debate em sua pesquisa a educação musical de bebês, como a mesma acontece e como poderia ser instigada a partir de cenas filmadas, fotografias e, algumas vezes, da análise do diário de campo.

A partir de Vargas (2014), foi possível tomar conhecimento sobre as experiências primeiras dos bebês de zero a dois anos de idade nos espaços de vida coletiva e suas interações. Por meio de cenas, foram evidenciadas as proposições feitas aos bebês e outras imagens foram geradas a partir dos filmes produzidos e outras que estão em fotografias.

Quanto a Guimarães (2011), por meio de episódios conta como se dá a atenção às interações dos bebês e das crianças bem pequenas com os livros. Ao analisar os episódios, percebe-se os bebês como protagonistas ativos e reflexivos, quanto ao empenho autônomo com os livros, suas livres escolhas e utilização, suas buscas por lugares para “ler”, bem como na procura por parceiros de “leituras” a partir do diário de campo e fotografias.

Fochi (2013), por sua vez, apresenta sua pesquisa voltada para a investigação das ações dos bebês com idade entre 6 e 14 meses emergentes de suas experiências com o mundo em contextos de vida coletiva. Ações estas de comunicar, ações autônomas e ações de saber-fazer que foram reveladas através de histórias narradas e mini-histórias.

Gobbato (2011) apresenta um estudo sobre a educação dos bebês nos espaços da escola infantil e da problematização da invisibilidade e do não-lugar que caracteriza os berçários brasileiros. A pesquisa foi documentada através de fotografias e por registros escritos.

Madalena Freire (1983), através de registros dela enquanto professora e em conjunto com as crianças, divulga a necessidade do mesmo no cotidiano da sala de aula, relacionando esse ato à reflexão do trabalho pedagógico.

As autoras Kinney e Wharton (2009) abordam as aprendizagens das crianças através da escuta e observações, concentrando-se nos registros e comentários das crianças através de fotos, murais, vídeos e outros meios de documentação.

Por fim, as autoras Gandini e Edwards (2002) destacam a importância de ajudar as crianças a criar suas próprias identidades, trazendo a imagem que se faz da criança como competente e ativo, trazendo a documentação como uma prática significativa e diária por meio de registros e análises de trabalhos realizados, valorizando a pesquisa como um instrumento de aprendizagem coletiva.

Portanto, partindo das análises e leituras, foi perceptível semelhanças nas pesquisas realizadas. Deste modo, organizei em categorias de análise: Registrar, refletir, relembrar: o diário documentando as experiências das crianças; A documentação pedagógica como construção de narrativas; e, para finalizar, a documentação evidenciando a autonomia e as ações dos bebês.

#### 4.1 REGISTRAR, REFLETIR, RELEMBRAR: O DIÁRIO DOCUMENTANDO AS EXPERIÊNCIAS DAS CRIANÇAS

O diário, seja qual for: íntimo, profissional, de aula funciona como um espelho, onde podemos nos refletir, examinar, muitas vezes até despejar coisas que não suportamos mais, é como uma vitrine na qual a gente se expõe, se exhibe. O diário é como um relatório, um prontuário médico, onde são registrados, descritos e narrados os detalhes, portanto, o diário pode ter muitas formas.

O uso do diário é um velho conhecido e utilizado por diversas pessoas, em diversas situações e ocasiões, em diferentes épocas e tendo características e intenções diferentes.

Podemos destacar, dessa forma, alguns tipos de diários e suas finalidades: O diário de Cristóvão Colombo, onde ele descreve sua viagem à América, contém informações ao leitor da época sobre a geografia, possibilidades de rotas, fauna, flora, características dos nativos, expressando os sentimentos associados as suas experiências; O diário de Anne Frank, onde a mesma narra de seu esconderijo durante a Segunda Guerra Mundial, suas alegrias, frustrações, vivências de uma nação durante a perseguição aos judeus; Paul Klee em seus diários descreve suas memórias de infância, seu cotidiano, lugares que visitou; as técnicas de pinturas e suas dúvidas em relação à profissão de pintor. (PECOITS, 2012)

Seja qual for a intenção, motivação, características das histórias de cada autor, o diário pode configurar-se inicialmente em um registro. Registro esse que se firma num espaço de guardar memórias, histórias vividas, observações e intenções pretendidas.

Sariane Pecoits (2012), em seu livro *Querido Diário? Um estudo sobre registros e formação de professores*, vai evidenciar a escrita de diários com a formação de professores. A autora aponta os diários como um instrumento para a apropriação do fazer cotidiano e a *produção de professoralidade*<sup>2</sup>.

Os diários dos professores é uma fonte importante de registro, o mesmo é necessário no cotidiano da sala de aula, relacionando esse ato à reflexão do trabalho pedagógico.

Pecoits (2012) nos traz dois tipos de diários como uso escolar pelos professores: O “Diário de Classe”, onde o mesmo chega à escola como um mero “caderno de chamada”, onde se registra a frequência dos estudantes, aulas dadas e os conteúdos desenvolvidos em cada uma dessas aulas. Este, por sua vez, cumpre um papel meramente burocrático; e o Diário de Bordo, onde os professores registram suas aulas relatando aspectos importantes do processo de ensino e aprendizagem das crianças, fazendo reflexões sobre sua prática junto às mesmas.

Pecoits (2012) apresenta que o registro de diários é uma ferramenta pertinente ao trabalho do professor, sendo que auxilia na escrita das avaliações dos alunos, perceber a atuação do professor junto às crianças, lembrar episódios com as crianças, refletir sobre a prática docente e registrar experiências.

---

<sup>2</sup> Termo utilizado por Pecoits (2012) para indicar o processo de construção do ser professor, que segundo a autora é carregado de subjetividades.

É importante que o professor dedique um tempo para a escrita/registro nos diários. Sua escrita envolve tempo, pois, mais do que registrar, é preciso refletir sobre as escolhas durante o caminho e, sobretudo, avaliar para transformar a prática.

O diário do professor é um instrumento de reflexão, porém o que se vê, de um modo geral, é o registro de fatos descritos com breves ou nenhuma análise sobre o que aconteceu com o planejamento do dia, sobre as crianças e sobre a própria professora. O que podemos observar nas escolas, quanto à escrita dos diários de bordo por parte dos professores, são relatos limitados de fatos do dia-a-dia descrevendo fatos organizados de forma cronológica, como destaca Pecoits (2012, p.54):

Hoje assistimos o vídeo do Sítio do Pica-pau Amarelo 'No Reino das Águas Claras'. Após exploramos a história assistida listando os personagens envolvidos na aventura, a ambientes e fatos curiosos presentes. A turma participou relatando, individualmente, o que apreciaram no vídeo. Como o vídeo é longo não houve tempo para o trabalho planejado em matemática, apenas ilustraram e iniciaram o registro do que mais gostaram no episódio assistido. Ao finalzinho da manhã fiz levantamento do que sabem sobre a utilização do material dourado.

Desta forma, ainda segundo Pecoits (2012), para que o diário se torne um instrumento de apropriação da prática do professor, precisa-se que o mesmo seja um instrumento de necessidade do professor, pois, quando o professor não se apropria desta prática, não toma o diário como finalidade para realizar seus registros, dificilmente vai deixar de ser mais do que simples relatos, muitas vezes mal escritos, das atividades planejadas.

A documentação pedagógica, incluindo o diário, deve possibilitar a autorreflexão do trabalho docente, junto com o diálogo entre teoria e prática e a possibilidade de tomar o diário como algo pessoal, singular e não privado, que possibilite ao professor trocar experiências com seus colegas pelo fato de os diários contarem o cotidiano do ambiente de trabalho de uma sala de aula e possibilita que os outros profissionais da escola conheçam o que se faz ou deixa de fazer, construindo, assim, os processos de constituição docente.

A escrita do diário e a relação que se estabelece entre a produção desse registro possibilita a quem escreve refletir sobre a própria prática e sobre si própria. Nesse sentido, o diário é um instrumento que possibilita conhecer-se e dar-se a conhecer.

O diário como instrumento de autoformação refere-se às reflexões de quem escreve sobre suas ações, intenções, escolhas, dúvidas e saberes. Dessa forma, refletir sobre o escrito possibilita ao professor retomar, recompor, arranjar outra forma no seu modo de trabalhar.

Os diários, além de reflexão sobre a prática docente e a autoformação docente, ajudam na troca de experiências por contarem fatos do cotidiano da sala de aula a partir do que as professoras escolhem registrar.

Em seu livro *A paixão de conhecer o mundo* (1983), Madalena Freire torna público relatos produzidos enquanto professora nos anos de 1978 a 1981, narrativas sobre seu encontro com o conhecimento e com as crianças juntamente com sua vontade de constituir modos diferenciados de ser professora.

A partir da experiência de Freire (1983) de propor às crianças que registrassem suas descobertas, foi proposto um diário da vida do grupo, intitulado “Nosso livro de estórias do pré”, onde as crianças poderiam escrever, registrar todas as suas experiências, como mostra o fragmento a seguir:

A Borboleta.

Um dia Rogério trouxe uma borboleta, viva, para a classe. Ela voou pela classe e pousou no armário.

Madalena no fim do sai pôs a borboleta, atrás da borboleta azul, na parede.

No outro dia quando chegamos, ela estava morta e tinha posto 230 ovos.

Os ovos forma mudando de cor.... E hoje saíram as larvas.

Madalena pôs as larvas numa vasilha com folha de alface. Elas não comeram nada.

Então Dani trouxe da casa dele folha de amora. Também não quiseram comer nada.

Madalena então trouxe da horta da casa dela folha de couve. E elas também não comeram!!!

Zélia, da classe do maternal deu uma ideia de trazer vaso de samambaia para pôr as larvas nele.

Elas ficaram mais quietas sem fugi mas quando chegamos... Estavam todas mortas...

Todos nós ficamos tristes e chateados com a morte das larvas...

Fim. (Livro de nossas estórias – FREIRE, 1983)

Dessa forma, como a autora escrevia em seu diário o que fez, refletindo sobre o vivido em sala de aula, a mesma propiciava momentos em que as crianças também pudessem registrar o que viveram ou estavam vivendo, “é o apropriar-se da sua prática diária.” (FREIRE, 1983, p.68)

Para Freire (1983), o planejamento das atividades se faz e refaz em conjunto com as crianças e a mesma destaca o diário como um importante instrumento de reflexão da prática do professor onde o professor avalia e planeja suas aulas. O diário é um documento onde o que é vivido é registrado juntamente com as crianças, dessa forma, professor e crianças repensam sua prática juntos.

A referida autora compartilha em seu livro uma narrativa de sua prática juntamente com as crianças, onde a mesma registra diariamente as reflexões que surgiam de sua prática e do registro em seu diário, e, posteriormente problematizava suas ações enquanto professora.

Freire (1983) destaca o diário como:

[...] instrumento de reflexão constante da prática do professor. Através dessa reflexão diária ele avalia e planeja sua prática. Ele é também um importante “documento”, onde o vivido é registrado, juntamente com as crianças. Nesse sentido educador e educando, juntos, repensam sua prática. (p. 57)

Percebemos que, através do registro de práticas, o professor constrói o diálogo consigo mesmo, com as crianças, organiza seus pensamentos e reflete/repensa sobre sua prática. O registro ao lado do planejamento, da observação e da avaliação é um instrumento metodológico que ajuda o professor a refletir sobre a realidade observada, construção de memória e de história.

A experiência das escolas italianas de Reggio Emilia certamente pode trazer subsídios à discussão. Donatella Giovannini (2002), em seu texto intitulado: *Características da Infância: Diário de uma criança*, evidencia o diário como um possibilitador de leituras múltiplas tanto pelos pais quanto pelas crianças, onde através de textos e imagens estabelecem um diálogo e reforçam seus significados trazendo à tona suas experiências.

Os diários são semelhantes à construção de um arquivo, onde se coletam matérias para esse documento, composto por palavras, imagens e textos. A escrita deste diário inicia-se no dia em que a criança ingressa na Educação Infantil. Os diários caracterizam-se pela possibilidade de textos e imagens estabelecerem um diálogo entre si, onde o professor fala diretamente para a criança, trazendo à tona suas experiências.

O diário possibilita a leitura múltipla, onde oferece a todos – pais, crianças, professores – formas de comunicação do que as crianças fazem e dizem. Através de fotos em sequências, pequenos vídeos, apresentam uma imagem de crianças curiosas, capazes, marcadas por descobertas e pequenas explorações, é como um espelho que permite a elas refletir e ampliar os acontecimentos passados.

Por fim, o diário na vida dos bebês representa um gesto de atenção onde o professor compartilha com as famílias a evolução das crianças em direção a uma maior autonomia, refletindo e ampliando os acontecimentos passados.

Desse modo, prosseguindo com a discussão, na próxima seção, discuto a documentação pedagógica como uma construção de narrativas sobre as experiências que crianças e adultos vivem na escola.

#### 4.2 A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA COMO CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS

A pedagogia proposta por Loris Malaguzzi é o da escuta da criança, uma metáfora que caminha ao lado de outra: o conceito de que a criança é feita de cem linguagens, como destacado em seu poema “As cem linguagens”:

Ao contrário, as cem existem / A criança é feita de cem. / A criança tem / cem linguagens / cem mãos / cem pensamentos / cem modos de pensar / de jogar e de falar / cem sempre cem / modos de escutar / as maravilhas de amar / cem alegrias / para cantar e compreender / cem mundos / para descobrir. / Cem mundos / para inventar / cem mundos / para sonhar. / A criança tem cem linguagens / (e depois cem cem cem) / mas roubaram-lhe noventa e nove. / A escola e a cultura / lhe separam a cabeça do corpo. / Dizem-lhe: / de pensar sem mãos / de fazer sem cabeça / de escutar e de não falar / de compreender sem alegrias / de amar e maravilhar-se / só na Páscoa e no Natal. / Dizem-lhe: que descubra o mundo que já existe / e de cem roubaram-lhe noventa e nove. / Dizem-lhe: / que o jogo e o trabalho / a realidade e a fantasia / a ciência e a imaginação / o céu e a terra / a razão e o sonho / são coisas que não estão juntas. / E lhes dizem / que as cem não existem. / A criança diz: / ao contrário, as cem existem (MALAGUZZI, 1999)

Para Malaguzzi, a escuta das cem linguagens é uma possibilidade para os professores perceberem as riquezas e potencialidades das crianças. Esta metáfora é potente para pensarmos o trabalho na Educação Infantil, pelo fato de que nas escolas brasileiras as professoras têm privilegiado apenas as linguagens de escutar sem falar, de não usar a imaginação, de crianças vistas como seres que não produzem conhecimento, e sim como meras reproduzidoras de teorias.

Tendo como base a escuta atenta das crianças e a observação de seus interesses e preocupações, a obra *Tornando visível a Aprendizagem das Crianças: Educação Infantil em Reggio Emilia*, de Kinney e Wharton (2009), concentra-se nos registros e comentários das crianças através de fotografias divididas em episódios, como destaca o fragmento abaixo:

James chegou à escola e se juntou a seu amigo Fergus, que estava brincando com Lego. James estava ansioso para perguntar a Fergus se ele havia ouvido falar sobre o terremoto no “Paquistani”. Fergus disse que não sabia de nada a respeito. James então começou a explicar que tinha acontecido um terremoto no “Paquistani” e que o prédio da escola havia caído em cima das mães, dos pais e das crianças.  
A diretora da escola, Annie, estava trabalhando em sua sala neste momento e escutou parte da conversa. Estava interessada em ouvir mais a respeito e, por isso, se uniu às crianças na sala de brinquedos [...]  
James: Eu soube que houve um terremoto no “Paquistani” e que o chão tremeu assim. (*James segurou suas mãos juntas e tremeu e balançou, demonstrando o movimento que o terremoto fez*)  
Annie: Imagine o que fez o chão tremer assim!  
James: São as placas movendo juntas que fazem o chão tremer.  
Annie: Que interessante! Onde você escutou isso?  
James: Eu vi na televisão e ouvi no rádio do carro. O prédio da escola desmoronou, com as mães, os pais e as crianças dentro. Eles foram esmagados.

Annie: Que terrível! Deve ter sido uma coisa horrível de acontecer.  
 James: Sim, e todas as casas caíram e agora as pessoas não têm casas.  
 Annie: Que coisa terrível deve ser não ter onde ficar!  
 James: Talvez a gente possa ajudar as pessoas do “Paquistani”.  
 Annie: Você gostaria de ajuda-las? Como poderíamos fazer isso?  
 James: Já sei. Acabei de ter uma boa ideia. Os *Thunderbirds* poderiam ajudar.  
 Annie: Essa parece uma boa ideia. Como podemos fazer isso?  
 James: Eu sei. Tenho *Thunderbirds* na minha casa, é 5, 4, 3, 2, 1, lá vão os *Thunderbirds*!  
 Annie: Bom. Como eles podem nos ajudar?  
 James: Bem, eles não são de verdade, Annie.  
 Annie: Oh! Então isso não vai funcionar?  
 James: Não, mas eu tenho outra boa ideia. Eu poderia pegar algum dinheiro do meu cofre de porquinho e enviá-lo a eles.  
 Annie: Bem, James, acho que é muito bonito de se fazer, e se você pegar algum dinheiro do seu porquinho, eu também lhe darei algum dinheiro da minha bolsa para mandar para eles.  
 Annie: Que boa ideia! Talvez outras pessoas queiram ajudar. O que você acha?  
 Annie: Mas como vamos informa-los a respeito?  
 (James pensa)  
 James: Já sei. Vamos lhes mandar uma carta falando sobre o assunto e pedindo-lhes para ajudar.  
 Annie: Que boa ideia! O que vamos dizer na carta? O que você gostaria de me dizer? Eu vou digitar a carta para você, e depois podemos fotocopiá-la.  
 James: Sim.  
 (Episódio: Terremoto no Paquistão - KINNEY; WHARTON, 2009, p. 50 – 51)

Com o fragmento apresentado acima, ficou evidente que, por meio de uma escuta e observação atenta, a diretora se sintonizou com as crianças e entendeu que algo importante estava sendo discutido pelas mesmas e deveria ser acompanhado. Devido ao interesse das crianças pelo episódio do Terremoto no Paquistão, o mesmo transformou-se em um projeto. Houve a tentativa das crianças de extraírem sentido e posteriormente significado deste desastre natural e a construção de teorias em torno de vários aspectos.

Não somente da escuta atenta por parte da diretora que este projeto ganhou vida, mas pela capacidade das crianças de escutar que possibilitou a comunicação e o diálogo. As crianças podem ser consideradas as maiores ouvintes da realidade que as cerca, pois possuem esse tempo **de** escutar que não é apenas o tempo **para** escutar, mas um tempo de curiosidade, expectativas, espera e generoso. Elas percebem que o ato de escuta é essencial para a comunicação, sendo as mesmas biologicamente predispostas a comunicar-se, existir em relação e viver em relação ao outro. (RINALDI, 2012)

Guimarães (2011), em sua dissertação de mestrado intitulada *Encontros, cantigas, brincadeiras, leituras: Um estudo acerca das interações dos bebês, as crianças bem pequenas com o objeto livro numa turma de berçário*, a partir de Episódios fotografados, apresenta o empenho autônomo dos bebês com os livros, nas suas escolhas livres pelos mesmos e na busca de um lugar para “ler” o mesmo. Através dos Episódios foi possível perceber que as

crianças produziam modos próprios de uso dos livros, tanto pelo manuseio do livro, como na escuta produzida pela professora

No Episódio 2, intitulado *Livro para abrir e olhar. Mas como se abre?*, a autora narra através de sete imagens em sequência a atenção de Marta quanto ao objeto livro e o momento em que a mesma descobre como manipular as páginas do mesmo, como destaca o fragmento abaixo:

Marta abre o livro. Observando, percebe que há uma página a mais para ser aberta. Então, abre. Observa as imagens dos pinguins. Percebe que a página do lado direito também pode ser aberta. Com as páginas todas abertas, observa vagarosamente as imagens do livro. (GUIMARÃES, 2011, p. 147)

Percebe-se que a documentação através da fotografia não é neutra, pois está carregada de significados e escolhas por aquele que a utiliza para a produção da imagem, tendo em vista resultados que são frutos de um olhar intencionado, carregado de subjetividades, pois a fotografia é uma maneira de ver o real e não uma visão em si mesma. (SONTAG, 2008)

Gobbato (2011), em sua pesquisa intitulada “*Os bebês estão por todos os espaços!*”: *um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil* através de episódios vai apresentar um estudo sobre a educação dos bebês nos espaços da escola infantil e da invisibilidade e do não-lugar que caracteriza os berçários brasileiros na atualidade, revelando que os bebês saem muito pouco da sala de aula e que quase não participam das propostas das instituições.

Pensando na educação como um processo que acontece **com** as crianças e não **para** as crianças, Gobbato (2011) vai destacar os bebês como marcados por imagens de seres socializados apenas pelo adulto sendo alvos de intervenções educacionais.

É preciso que os adultos oportunizem que os bebês escolham no que querem envolver-se, dando-lhes oportunidades para que criem suas culturas infantis na qual se determina o modo de se explorar um material, os passos de uma atividade, limitando as oportunidades de livre escolha em uma cultura escolar.

No episódio intitulado *Uma significação do espaço pelos bebês significada pelo adulto?*, a referida autora evidencia que os bebês também podem envolver os adultos em suas experiências, como mostra o excerto abaixo:

Os bebês estão parados a olhar para o gramado, a educadora Marta os convida para entrar e eles vão atrás. Lucas, Diogo, André e Amanda caminham e passam pelo compostário até pararem quando chegam no outro portãozinho; eles ficam olhando... e ela passa pelo portão. Percebendo que os bebês a acompanham agora com olhar, os

chama e fala: “*Olha lá o limão para fazer limonada!*”. E os bebês vão entrando atrás dela e indo até essa outra parte do pátio. A educadora diz: “*Vamos ver se eu pego um limão pra vocês verem*”. Prossegue andando e atravessa o portão e deixa-o aberto. Nem preciso narrar que os bebês aos poucos vão indo atrás... (GOBBATO, 2011, p.162)

No excerto apresentado, fica evidente que os bebês manifestam suas vontades de adentrar em outro ambiente, o que faz com que a professora abra o portão e possibilite isso. Isso só ocorreu porque, a partir de uma significação dos bebês, a professora ampliou as possibilidades de aprendizagem dos bebês em relação aonde os mesmos estavam, e isso faz toda a diferença nas aprendizagens oferecidas aos bebês.

Neste sentido, Dahlberg, Moss e Pence (2003) apresentam o discurso de construção de significados por entenderem que qualidade diz respeito a um trabalho pedagógico que prioriza a construção conjunta a partir do que está acontecendo. Desta forma, a qualidade não é algo que pode ser medido por padrões, pois é algo contextual.

A iniciativa dos bebês se liga com a resposta dos adultos, pois construir significados implica em considerar a participação tanto dos adultos, quanto das crianças em um cotidiano de vida escolar. Pensando nisso, a documentação pedagógica pode ser um instrumento importante para a criação de uma prática pedagógica reflexiva na construção de significados acerca da mesma (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003).

Fochi (2013), em sua dissertação de mestrado intitulada “*Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?*”: *documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva*, a partir de histórias narradas e mini-histórias, registra as ações dos bebês nos espaços vazios e na emergência de suas experiências. Dentro de cada episódio, contém pequenas cenas que comunicam/narram uma história.

Fochi (2013) narra através de suas histórias uma imagem de criança que é, faz, atua e está curiosa para se relacionar com o mundo. Quando documenta-se, constrói-se uma relação entre você mesmo como professor e as crianças, cujo pensamento, palavras e ações são documentados, conforme evidencia o excerto abaixo:

O que documentamos representa uma escolha, uma escolha entre muitas outras escolhas, uma escolha de que os próprios pedagogos estão participando. Da mesma forma, aquilo que não escolhemos é também uma escolha. (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003, p. 193)

A documentação pedagógica nos diz algo sobre como construímos a criança, assim como nós mesmos nos construímos como professores. É através da documentação que podemos perceber a criança de outra maneira. A documentação pode ser vista, dessa forma, como uma narrativa de auto-reflexividade. Partindo desse ponto, Fochi chega à construção de três histórias que narram a ação de comunicar, ação autônoma e ação de saber fazer de bebês.

A documentação implica em construir narrativas. Para Malaguzzi (1999), a narrativa constitui-se como um lugar de dois cenários, um que seria a ação propriamente dita: a intenção, o objetivo, a situação, a disponibilidade. O outro cenário diz respeito à possibilidade de dar visibilidade àquilo que é invisível: o dito e o não dito, o que se sabe e o que não sabe, o que se pensa ou não se pensa sobre os acontecimentos.

Em sua pesquisa, Fochi (2013) narra as *Conversas entre Caio e Lara*. O autor chama a atenção sobre o papel do professor como um possibilitador de criação de oportunidades, como também na importância de que essas ações sejam reconhecidas como conteúdo do trabalho pedagógico e das aprendizagens e relações das crianças, como destaca o fragmento abaixo:

Assim, começa essa história, entre dois bebês, ambos de 6 meses, que fazem uma conversa longa, intensa e sem palavras. Caio olha fixamente Lara Cristina e esse olhar parece ter um objetivo claro: o contato para conversar; uma descoberta sobre a presença do outro que se dá nas ações do menino. [...] A intenção do Caio de alcançar Lara Cristina, tocando-a com a mão, sintoniza o aspecto da consciência do outro e do teor emocional. A expressão do seu rosto, a pressão nos lábios, que são antecipadas por um sorriso, e o movimento das mãos em direção à Lara Cristina parecem compor uma vasta coleção de signos que se transformam em “palavras” de uma intensa e sensível conversa. (FOCHI, 2013, p. 100-101)

A partir da história narrada, pode-se pensar a ação do professor em conjunto com os bebês, que sugere também um diálogo com e sem palavras e que necessitam ser mediadas por uma relação de olhar entre adultos e crianças. Esse encontro que foi narrado só concretizou-se pela presença do adulto, que tornou possível que os bebês, mesmo aqueles que não caminham, encontrem-se.

Ao documentarmos os feitos e ideias das crianças, aprendemos mais sobre elas: suas experiências, suas capacidades, seus sentimentos e suas representações de mundo. Através desse documentar, fica evidente que as crianças não aprendem somente por meio de situações de aprendizagem conduzidas pelo adulto, mas sim aprendem com outras crianças e com o ambiente, confrontando, produzindo e recriando as informações vindas do mundo do adulto, como nos mostra o fragmento abaixo:

[...] O menino, que olha através da janela como se quisesse passar por ela, atravessá-la, avista um horizonte conhecido e frequentemente visitado por Carlos e seus colegas: o pátio da escola. Na impossibilidade real e física do ato, naquele momento, Carlos opta por explorar os materiais disponíveis na sala e, ali, começa o jogo. Um cano de papelão pode ser um material que pode gerar muitas investigações para as crianças que estão empenhadas em aprender. Carlos, depois de alguns minutos experimentando o objeto no chão, olha para a janela, e decide ir explorar o material naquele lugar [...] Carlos leva o cano de papelão até a janela e, através de uma de suas aberturas, empurra-o para fora, de modo a mantê-lo preso pela sua mão. Através da transparência colorida do vidro, observa o cano de papelão do outro lado. Puxando de volta para dentro e, com algumas ações muito peculiares, parece estar comparando a extensão do cano em relação à janela e ao seu corpo. (FOCHI, 2013, p. 140 – 142)

Fica evidente que, por meio da documentação, as crianças aprendem sempre, não apenas quando os adultos têm a intenção de ensinar. Pode-se destacar a capacidade das crianças como co-construtoras de conhecimento. Para Malaguzzi: “O que as crianças aprendem não ocorre como um resultado automático do que lhes é ensinado. Ao contrário, isso se deve em grande parte à própria realização das crianças, como uma consequência de suas atividades e de nossos recursos.” (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, p.76)

A documentação torna visível essa realização das crianças, bem como os recursos que os professores oferecem como suporte para as suas ações e compreensões de mundo. Todos os recursos utilizados influenciam aquilo que as crianças vivenciam e aprendem.

[...] durante a brincadeira que havia criado: de tirar e colocar o cano na janela, quando em certo momento, o bebê foi surpreendido pelo cano de papel que ficou preso na janela, interrompendo o fluxo que ele havia criado – uma nova informação chega à brincadeira do menino. A primeira atitude dele foi buscar auxílio de um adulto, o que, muito possivelmente, interromperia a atuação do bebê, solucionando o problema. [...] a professora [...] mantendo-se apenas na visão de Carlos e lançando o comentário “o que aconteceu Carlos, teu brinquedo ficou preso? O que tu vais fazer?” e sorriu. Imediatamente, o menino volta sua atenção para o objeto e retoma a investigação para resolver “o problema do cano que travou.” (FOCHI, 2013, p. 144)

O professor é um facilitador das aprendizagens e ações das crianças, como no caso da professora de Carlos, que, ao se deparar com a situação, não tentou interferir em nenhum momento suas ações, mas encorajou-o a resolver, solucionar seu problema.

Nesse sentido, a documentação é vista como uma “observação aguçada e uma escuta atenta, registrada através de uma variedade de formas pelos educadores que estão contribuindo conscientemente com suas perspectivas pessoais” (GANDINI, 2002, p.151). Dessa forma, não se trata apenas de ver e registrar as ações das crianças, mas sim de analisá-las e interpretá-las para que, assim, possamos aprender mais sobre elas e as formas de apoiá-las em seus esforços e capacidades.

Desse modo, na próxima seção, apresento a autonomia e as ações dos bebês evidenciadas através da documentação pedagógica.

#### 4.3 A DOCUMENTAÇÃO EVIDENCIANDO A AUTONOMIA E AS AÇÕES DOS BEBÊS

As crianças são diferentes em seus tempos, épocas e vivem infâncias totalmente diferentes, o que permite que observemos o quanto as práticas para bebês podem ser múltiplas. Os bebês, quando organizam suas explorações, baseiam-se em suas investigações anteriores.

Pensando na ideia de que “os bebês são ouvintes competentes desde muito cedo”, (ILARI, 2006, p.273) suas experiências no mundo que os cercam é que potencializam as mais variadas áreas do conhecimento, pois um ambiente rico que instigue o bebê à curiosidade os torna mais criativo, perspicaz e faz com que os mesmos aprendam muito mais rápido, pois sua criatividade vai além do modo de ver do adulto.

Dessa forma, Correa (2013), em sua tese, intitulada *Bebês produzem música? O brincar-musical de bebês em berçário*, vai abordar por meio de filmagens as produções e explorações sonoras como enriquecedora e produtora musical dos bebês, visando os bebês como capazes, produtores de conhecimento, cultura, sons e música.

Para Malaguzzi (1999), a criança/bebê é sujeito dotado de altas capacidades desde o nascimento e contém todas as capacidades humanas e todas as linguagens expressivas que possuem muito além de cem capacidades, cem formas de ver o mundo.

Os bebês já nascem com uma bagagem de conhecimento, é através das relações que os mesmos constroem em suas vivências que os levarão a um amadurecimento de seu desenvolvimento, pois “[...] as crianças não são moldadas pela experiência, mas dão forma à experiência” (MALAGUZZI, 1999, p. 98)

Essa experiência acontece no cotidiano, partindo das relações com o mundo e com o meio. A experiência, nos bebês, está ligada à curiosidade por aprender e também à criatividade. Correa (2013) descreve a experiência de Thomaz e suas descobertas e curiosidades com o objeto chocalho na cena intitulada: *Diálogos sonoro-musicais: o eu, o outro, o objeto e o contexto chocalhos e caixa de música*.

Thomaz brinca com os chocalhos que tem em cada uma de suas mãos; explora, faz movimentos baixos e altos com as duas mãos, brinca com a bolinha rosa; observa, passa o chocalho no piso emborrachado, e volta a sacudir enfaticamente com as duas

mãos. Tem destreza para realizar movimentos repetitivos, batendo ambos os chocalhos um no outro.

Ele possui outros brinquedos ao seu alcance, entretanto quer apenas dois dos chocalhos que estão próximos. Ele perde o chocalho e volta a obtê-lo.

Ele lança o chocalho da mão esquerda e o recolhe. Escolhe, faz movimentos circulares com o chocalho que está na mão esquerda. Parece fazer medições, comparações. Logo, lança o chocalho para longe e recolhe outro que está mais próximo a si. Faz movimentos laterais com o mesmo e emite sons orais.

Thomaz conversa e faz gestos, como se coordenasse o que está se passando a seus olhos, gesticula sempre com os chocalhos na mão, parecendo dar ordens. De um movimento indicando um não ele volta seu olhar para a mão que balança o chocalho, ele brinca por instante com o movimento e o chocalho, volta a enfatizar o movimento de negação e emite um nã, nã, nã, nã.

Volta-se para a almofada que está a sua frente e a toca com o chocalho, depois o larga e o toca com a mãozinha. E volta a procurar o chocalho. Neste instante Isadora engatinha na direção do tatame onde está Thomaz. Ela engatinha com um chocalho na mão, fazendo batidas firmes com ele no chão.

Isadora vai ao encontro de outro chocalho, que pega com a mão vazia. Aqui, estabelece-se um diálogo entre Isadora e Thomaz. Isadora parece ter reparado em um primeiro momento, mas depois envolve-se com os sons de seus movimentos. Thomaz a observa, inicialmente fazendo movimentos altos com a mão e seu chocalho; depois se encabula e leva o chocalho à boca.

Isadora bate os chocalhos à sua frente com as duas mãos. Eles estão em cima do tatame um à frente do outro. Isadora para, por alguns instantes, observa Thomaz, que a encara, e volta a fazer movimentos com ambas as mãos.

Ao aproximar-se de um dos chocalhos de Thomaz, ele a fita com expressão ríspida, e pega o chocalho que está ao seu lado no chão. Parece não gostar de sua presença junto ao seu chocalho. Thomaz está ainda na defesa, em posição de enfrentamento.

Aos poucos os movimentos das mãos e pausas de Isadora o desarmam, ele recolhe um de seus chocalhos, ela se desloca. É ele quer o chocalho que está na mão de Isadora, mas desiste com a movimentação dela. Thomaz ao fundo encontra o outro chocalho que lhe pertencia e parece mostra-lo com conversar e movimentos como de nã, nã anterior.

Isadora bate os chocalhos, cria um diálogo, que parece ser respondido por Thomaz. E a brincadeira perde o entusiasmo.

Isadora resolve percutir um de seus chocalhos em uma almofada, e no brinquedo que está próximo. Depois retoma outro chocalho com a mão vazia.

Nesse momento, começa uma música tocada no aparelho de som. Thomaz retoma as batidas com os chocalhos, Isadora também volta seu olhar, bate o chocalho e faz movimentos com o corpo, sorri, olha para a câmera, volta a explorar os chocalhos, os passa no piso emborrachado, depois os balança no ar. (CORREA, 2013, p. 104)

A partir do fragmento apresentado acima, fica evidente a curiosidade de Thomaz em interagir com o som, com o movimento do corpo e deste com o objeto. Essa cena foi desencadeada pela exploração de Thomaz, que atrai Isadora, mas que é permeada pelas expectativas dos bebês, suas necessidades de interação, comunicação, de escuta, de observar, estar com o outro e de suas compreensões do todo.

Os bebês criam e recriam suas explorações a partir do que têm interesse. É através da imaginação que incorporam significados, não brincam apenas por brincar, mas o fazem com um certo tipo de sentido, produzindo conhecimentos essenciais a sua existência e estabelecendo relações, criando hipóteses e construindo uma forma de perceberem o mundo que os cercam.

Desde muito cedo, as crianças mostram que têm voz e, acima de tudo, que sabem escutar e merecem ser ouvidas, são ágeis e inventivas em suas capacidades de escolher e tomar decisões em suas ações e cabe ao adulto observar essas ações, ressignificando as mesmas, validando em sua educação.

Para que isso ocorra, é fundamental que o professor tenha atitudes de escuta e observação nas experiências e ações vividas pelas crianças, e a documentação pedagógica oferece ao professor uma forma de concretização e aperfeiçoamento do trabalho docente.

Vargas (2014), em sua tese *Bebês em suas experiências primeiras: perspectivas para uma Escola da Infância*, vai evidenciar através de cenas filmadas as ações dos bebês de significar o mundo, descrevendo suas experiências primeiras que vivem ao participarem de um espaço de vida coletiva desde cedo.

Na cena intitulada *Quero sair deste lugar... Como?*. Vargas apresenta a autonomia dos bebês para se moverem e aprenderem, como mostra o excerto abaixo:

Flávia e Isadora estão sentadas no tatame, rodeadas por alguns brinquedos. As meninas estão muito próximas. Flávia se inclina para frente em direção a Isadora, ela estica seus braços em direção a colega, mas consegue apenas tocá-la rapidamente. Isadora se esquia um pouco, como se protegesse seu rosto, mas não parece desagradada com a colega. Flávia consegue ficar em posição de quatro apoios, consegue se movimentar um pouco, mas retorna à posição anterior, sentada. Quando retorna, grita agudamente. Parece estar irritada consigo. Talvez seu desejo de ir seja maior que as possibilidades já descobertas com seu corpo. Flávia se lança novamente para frente, em direção a Isadora. Isadora parece corresponder à iniciativa da colega e emite um som amistoso. Flávia volta a ficar sentada. Ela me olha, investiga com as mãos, rapidamente, os objetos que estão no tatame e volta-se para sua direita. Lança-se novamente à posição que lhe permitiria movimentar-se: quatro apoios. Ela se distancia um pouco, mas retorna à posição sentada. Isadora está manipulando, tranquilamente alguns objetos. Flávia parece estar mais disposta a experimentar outros movimentos, porém também parece irritar-se com sua experiência, parece já saber que seu corpo pode mais. Flávia repete o movimento mais uma vez, dessa vez Isadora alcança um brinquedo que está entre as duas meninas. Flávia também o quer, Isadora segura firma a peça azul. Flávia grita e em seguida observa Isadora. Mais uma vez lança seu corpo em direção a colega, segura na gola da blusa da mesma, mas não consegue se equilibrar. Ela grita, mais uma vez, um grito agudo. Flávia agita seus braços. Fica mais uma vez na posição de quatro apoios, dessa vez à sua direita. Quando tenta sair da posição, ou movimentar-se a partir da posição, ela cai. Nesse momento ela grita bastante. Volta mais uma vez à posição inicial. E lança-se novamente ao que parece uma investigação de como movimentar-se ou como tornar-se mais ágil. Flávia demonstra irritação. Seu choro é agudo, quase gritos sem lágrimas. Ela grita e investiga seu pé, movimentando-se de forma limitada e isso parece irritá-la. Ela quase fica em posição de quatro apoios, mas volta à posição anterior. Flávia não parece ter paciência com a investigação, mas seu desejo de sucesso é intenso. Parece-me que a menina deseja “liberdade de movimento”, pois nem sempre ela está em busca de alguma coisa. Isadora permanece muito tranquila, parecendo envolvida pela movimentação da colega. (VARGAS, 2014, p. 124)

Neste fragmento, fica evidente que o bebê mostra-se concentrado e atento nas suas tentativas e quando não consegue, encontra por si mesmo, uma solução. Cabe ao professor propiciar ao bebê coisas que ele aprenda por sua mesmo, por iniciativa própria, pois têm coisas que ele aprende com o adulto, através do adulto. (PIKLER, 2010)

Para Malaguzzi (1999), é preciso aprender e reaprender com as crianças, de tal modo que não sejam moldadas pela experiência, mas que elas próprias deem formas às experiências. Na cena das duas meninas, fica claro a ação autônoma dos bebês à medida que agem no ambiente que os acolhe, proporcionando viver essas ações, pois o bebê ainda não é capaz de mover-se plenamente pelos espaços a sua volta.

Em outra cena, intitulada *Lucas explora Mostra de Artes*, Vargas (2014) nos mostra a ação de Lucas ainda mais evidente, como mostra o fragmento abaixo:

No hall da escola está a mostra de artes. Lucas, que estava com a sua turma, separou-se do grupo e ficou pelo hall. A professora percebeu a ausência do pequeno, porém percebeu que ele não estava desacompanhado. Eu estava lá. Então ela vai pra sala e deixa o menino. Lucas caminha sorridente e com segurança. O menino manipula os fios que sustentam balões brancos que vão do teto ao chão. O menino agita os fios. Anda de um lado para o outro, entre os muitos fios que estão espalhados. Vai até a janela onde encontra um balão já um pouco murcho e o joga para longe. Volta a andar entre os balões. Lucas vai até a janela, aproxima seu rosto do vidro e olha, por uns poucos instantes para fora. Ele circula pelo hall como se investigasse o todo, tudo o que tem lá. O pequeno demonstra muita tranquilidade e segurança no seu deslocamento, atitude de quem confia e conhece o espaço. Ele volta a agitar os balões. Circula pelo hall como se estivesse garimpando o que mais pode haver ali. Aperta a bexiga com peso que sustenta os fios no chão. Circula por aí, quase despropositadamente. Crianças maiores adentram o hall da escola, o menino não demonstra incômodo ou estranhamento com os colegas. Sai andando na mesma direção que as crianças maiores, vai seguindo o final da fila ou, quem sabe, um balão murcho que se perdeu. O caminho conhecido o leva até outra estação da Mostra: tecidos pretos e fitas coloridas com guizos estão pendentes. Um grande espaço escurecido leva ao caminho das salas e da secretaria também. Lucas escolhe o caminho da secretaria. Lá, uma funcionária o recebe sorridente. Ela está sentada atrás de uma mesa. Lucas olha, faz alguns apontamentos. Parece que conversam. A moça atende ao telefone que toca. Lucas faz um giro de quem procura olhar para todos os lados e sai. O menino volta à exposição. O caminho que escolheu tem pinturas coloridas feitas em um grande retângulo transparente que está preso no alto, próximo ao forro, pendendo próximo ao chão. Ao fundo largas tiras de tecidos branco e preto também estão pendentes, formando uma cortina intercalada: em preto e branco. Umhas poucas luzinhas piscam no tecido branco. Lucas vai até lá. O pequeno volta à secretária. Dessa vez pega um pufe cor de laranja que estava próximo à mesa. O menino arrasta o pufe até que fique ao lado da cadeira da funcionária, atrás da mesa. Ele sobe no pufe com dificuldade até que a mão amiga da moça acolhe sua dificuldade. O menino consegue sentar-se no pufe, com a ajuda da mão amiga. Lucas não permanece sentado por muito tempo. Olha a vista, faz alguns apontamentos com o dedo indicador. O pequeno, que está sentado de frente para a porta e de costas para a moça, indica uma caneta que está sobre a mesa, a moça coloca a tampa na caneta e entrega ao pequeno. Ele agita o objeto, bate na mesa, segura com as duas mãos, olha para a moça sentada ao seu lado. Faz menção de descer, olha para cima e encontra o olhar da moça que lhe estende a mão. Lucas estende os braços para ela, recebendo a ajuda da mão amiga mais uma vez. O

pequeno vai andando porta a fora. No hall, encontra com os balões brancos pendentes e o convite da sua professora para voltar para a sala. Lucas a acompanha. Encontra com luzes projetadas em uma parede branca. Os pontinhos coloridos se movem. Lucas tenta pegá-los. O pequeno, apoiado com a mão da professora sobre os degraus da grande escada e volta para sua sala. Antes de entrar olha pra trás como querendo se despedir de mim, mostrando assim que todo o tempo teve consciência que estava sendo filmado. (VARGAS, 2014, p. 130 – 131)

Na cena apresentada acima, fica evidente a ação que Lucas realiza em suas iniciativas próprias. Isso só corre pelo fato de o adulto proporcionar espaços e tempos para seu agir. É nessa busca por respostas, de querer explorar e conhecer o mundo que os cercam, que o professor precisa estar atento, observar e reconhecer essas vontades em busca do novo.

Essa ação autônoma do bebê é vontade de aprender, de conhecer o mundo que o cerca. O bebê interroga o mundo, aprende ao fazer perguntas e se lança na busca por suas respostas e, para que isso ocorra, o adulto precisa deixar que o mesmo realize suas experiências de maneira autônoma.

Por fim, é importante que o professor estabeleça um vínculo de confiança para o bebê, dando a liberdade para o mesmo agir, pois essa independência da ação autônoma da criança é necessária para o seu desenvolvimento. As crianças precisam movimentar-se livremente e com tranquilidade, brincando e descobrindo a si mesma, os outros e o mundo que as cercam.

## 5 PROPOSIÇÕES DE DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Falar de documentação é falar também de visibilidade. A documentação torna visíveis as pessoas, as escolas, as equipes, seus participantes e autores, assim como a qualidade de seus processos. Tornam visíveis os rastros de cada pessoa, de cada grupo, de cada família em sua passagem pela escola. (SOLÀ, 2007, p.41)

Ao longo de toda a pesquisa, seja no referencial teórico ou nas análises realizadas, sempre busquei evidenciar e defender a importância da documentação pedagógica, seja a mesma como um processo investigativo para professores, para tornar visíveis e dar vozes às aprendizagens das crianças, como também para evidenciar a autonomia e as ações das crianças na Educação Infantil.

Justamente por considerar a documentação pedagógica como importante para a construção e compreensão do pensamento e das ações das crianças, bem como encontrar significados para o que fazem, descobrem e experimentam. A ação de documentar e registrar possibilita acompanhar, aprender, interagir com as crianças em suas aprendizagens.

Segundo Machado e Richter (2014), a abordagem da documentação pedagógica auxilia os professores a pensar em estratégias que não avaliem as crianças, mas sim que pensem em ações de acompanhá-las em suas descobertas documentando o vivido juntos.

Não há como realizar uma documentação pedagógica sem refletir sobre o conhecimento das crianças, suas estratégias de aprendizagem, a documentação nada mais é que uma interpretação do sentido que uma determinada experiência significou para a crianças.

Neste sentido, a partir das concepções na abordagem italiana para a Educação Infantil, Strozzi (2014) define que a documentação serve como ferramenta metodológica de pesquisa para professores, pois os mesmos, ouvindo atentamente e levando a sério o que as crianças têm a dizer sobre o mundo que as rodeiam, fazem com que as mesmas percebam que os adultos acreditam e respeitam suas ideias e posicionamentos, impulsionando as crianças para a produção de novos conhecimentos e de novas ações pedagógicas.

Para tanto, este capítulo organiza-se em duas seções, assim, no subcapítulo intitulado *Propostas escritas*, apresento algumas propostas quanto a documentação escrita e, na segunda parte, *Documentação pedagógica: uma proposta audiovisual*, procuro evidenciar a documentação por meio de fotografias e filmagens.

### 5.1 PROPOSTAS ESCRITAS: DOS PORTFÓLIOS AOS DIÁRIOS

### O que são portfólios?

O portfólio vai muito além de um mero arquivo de trabalhos da criança, o mesmo pode ser visto como um arquivo de registros que evidencia as experiências, realizações e progressos das crianças. Os portfólios, quando recolhidos e analisados tornam-se instrumentos que, através da documentação pedagógica, permitem às crianças reviver e discutir suas experiências e aprendizagens. (SILVA; CRAVEIRO, 2014)

O portfólio é um instrumento que auxilia na avaliação dos processos e aprendizagens das crianças, estimulam a participação e autoavaliação das mesmas. Através do processo de selecionar e refletir, as crianças vão assumindo a responsabilidade pela sua aprendizagem. A utilização de portfólios na Educação Infantil possui, desta forma, benefícios tanto para o professor quanto para a criança.

Os portfólios são pastas flexíveis que guardam ou transportam papéis, documentos, fotos para apresentação a outra pessoa. Dessa forma, os registros no portfólio não devem ser aleatórios, os mesmos deve seguir uma sequência cronológica e representativa do progresso das crianças. O portfólio é um objeto que dá voz à criança.

Imagem 01: Portfólios realizados por professores



Fonte: Internet<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Disponível em: < <http://redeglobo.globo.com/sp/tvtribuna/camera-educacao/platb/2013/10/10/exposicao-de-portfolio-e-instrumento-de-aprendizagem-na-educacao/>>

Na imagem em destaque, pode-se perceber que os professores em sua quase totalidade elaboram um portfólio de forma mecânica e até mesmo burocrática, onde se guardam coisas que não irão ser vistas mais. As professoras, de um modo geral, não planejam a elaboração do portfólio, o que diferencia o portfólio dos materiais que os professores juntam e entregam para os pais é que o mesmo não se trata de um arquivo abarrotado de trabalhos das crianças, mas sim, um conjunto de produções das mesmas ou materiais (fotografias, gravações de vídeo ou áudio, registros escritos, entre outros), recolhidos de forma intencional, ordenada e organizada de modo a evidenciar os processos, percursos e evoluções das crianças na aprendizagem.

Em muitas escolas, a prática de arquivar as atividades numa caixa ou pasta é bastante comum, porém não pode ser considerado esse processo como um portfólio se não houver análise e reflexão de todos os envolvidos no processo educativo. Ele pode ser definido como uma coleção de amostras significativas que evidenciam o desenvolvimento da criança em um determinado período. Essas amostras podem ser iniciadas com um foco em uma aprendizagem específica e, progressivamente, isto pode ser ampliado.

Pensando em uma maneira de organizar os portfólios no berçário, destaco a obra de Marcel Duchamp<sup>4</sup> “Caixa 1914”, onde o mesmo incluiu seus trabalhos através de reproduções fotográficas descontextualizando-os e recontextualizando-os.

Imagem 02: Portfólio de um artista



Fonte: < <http://www.studium.iar.unicamp.br/31/4.html>>.

---

<sup>4</sup> Marcel Duchamp cria em 1914 um museu portátil onde incluiu 16 produções fotográficas de notas e manuscritos, onde estavam elaboradas detalhadamente referências de todas as suas produções.

Sabendo que o portfólio do artista não é o mesmo que o do professor, mas que pode servir como um modelo, desta forma, as crianças também podem ter suas caixas para armazenar tudo aquilo que consideram importante ao longo de suas experiências. Pensando nos portfólios para os bebês, pode-se construir uma caixa fotográfica, onde contém na mesma, fotos em sequências, legendadas e com comentários dos professores onde são evidenciadas as ações dos bebês, os projetos desenvolvidos com eles contendo os registros e descrições das evoluções dos mesmos.

Conforme afirma Silva e Craveiro (2014), quando ocorre o processo de montagem do portfólio é importante que quem seleciona o material explique o porquê desta escolha, quando se trata da criança, a mesma quando questionada a respeito da sua escolha, aprende a identificar e selecionar suas experiências de aprendizagem, comentar os registros fazendo uma autoavaliação sobre si própria e ser mais seletiva.

A seleção de registros para o portfólio por parte do adulto permite que os mesmos documentem todas as áreas curriculares, permite que o portfólio reflita situações relevantes do desenvolvimento, aprendizagem e envolvimento das crianças no trabalho, bem como uma reflexão por parte da criança através da análise efetuada pelo professor sobre elas mesmas.

Por fim, os portfólios permitem às crianças desenvolverem-se de maneira positiva, confiante e reflexiva sobre si própria e sobre o mundo que as cercam.

#### Portfólios individuais e/ou coletivos

Uma forma de organização de um portfólio individual é através dos registros das ações dos bebês, acompanhados de sequências de imagens e descrições realizadas pela professora. Também pode conter toda a trajetória do bebê durante um projeto ou ano que se passou, mas sempre marcados por comentários onde posteriormente possa haver reflexão das aprendizagens dos mesmos.

O portfólio coletivo parte da vivência do grupo e pode ser registrado através das pastas memórias, as quais contêm as coletâneas de vivências dos grupos. Geralmente essas pastas são organizadas no final de um projeto e trazem coletâneas dos melhores momentos, contando como os projetos foram desenvolvidos, tendo as opiniões das crianças e suas reflexões, pois é memória viva e seu processo de construção pode envolver pais, professores e crianças.

#### Diários

Finalmente, trago os diários como documentação que registra as experiências das crianças. Para a construção dos diários, os professores devem ir juntando os materiais no ingresso da criança na creche, mas somente o montam quando a mesma passa para a pré-escola.

Quando o professor preparar o diário, a identidade da criança deve ser sempre realçada na capa: já nas primeiras folhas pode-se conter anotações e imagens tanto dos professores, quanto da família ao qual contenham o primeiro encontro das crianças com o ambiente escolar.

Nas demais folhas, pode conter palavras, textos, imagens e pequenas criações produzidas pelas crianças e professores. As famílias também podem participar da construção deste diário, através de fotos, mensagens ou até mesmo cartas.

Os diários para as crianças, podem ser como uma caixinha de surpresa, pois a mesma é “incentivada a lembrar e a usar o livro ativamente, como se fosse um verdadeiro jogo.” (GIOVANNINI, 2002, p.177). Nesses diários podem conter envelopes para serem abertos, com mensagens, fotos, canções, nomes de colegas para procurar nas fotos e colar, entre outros.

Com base nos diários de Freire (1983), as crianças podem construir suas lições<sup>5</sup>. Nesses diários, as crianças podem registrar o que vivem em sala de aula todos os dias. Essa lição “para as crianças é o registro do que viveram ou estão vivendo, é o apropriar-se da sua prática diária” (FREIRE, 1983, p.68)

É importante que o professor perceba que esses registros não são puramente mecânicos, pois todo o registro tem a ver com alguma coisa, são pensado com as crianças e para as crianças.

Por fim, é papel do professor organizar as atividades para que as crianças se apropriem do seu descobrir, pois, quanto mais as crianças descobrem, conhecem e registram, mais elas vão se conhecendo e conhecendo o mundo que as cercam.

## 5.2 DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: UMA PROPOSTA VISUAL E AUDIOVISUAL

Planejar, registrar e selecionar os recursos audiovisuais e visuais em uma turma de berçário exige um olhar apurado. Para Vargas (2014), a observação atenta possibilita a

---

<sup>5</sup> Termo utilizado por Madalena Freire (1983) para se referir à escrita dos diários.

construção de códigos e significações fundamentais na experiência visual que confere um enorme poder para os atos de pensar e conhecer.

A documentação pedagógica, a partir de registros fotográficos e filmagens, é uma ferramenta potente para conhecermos as crianças, através dos mesmos fica concreto e visível seus gestos, ações e suas compreensões de mundo.

Quando uma criança está em frente à câmera, ela apresenta suas suposições, raciocínio, organiza seus pensamentos, explora seu entorno, frustram-se e experimentam o novo. A proposta audiovisual e visual de documentação evidencia isso através de sequências de imagens e pequenos vídeos que documentam as ações, interações e relações.

Através das mesmas é que o professor investiga, pensa e aprende com as crianças. Como as mesmas se apropriam do novo, como organizam suas curiosidades, como constroem sentimentos, pontos de vistas, desejos, como estabelecem relações com os objetos e outras crianças. A documentação audiovisual e visual pode revelar isso, através das posturas das crianças, seus olhares, gestos, bocas, seus esforços e prazeres. Porém, o que se observa nas escolas são professores fotografando sem nenhum propósito. Partindo disto, irei propor formas de se trabalhar com esse tipo de documentação.

### Registros fotográficos

O vídeo “Alexandre Sequeira reencontra o sentido da fotografia<sup>6</sup>” demonstra, através de lentes fotográficas em um pequeno vilarejo de pescadores no estado do Pará, a visibilidade que a fotografia proporciona. Para ele, falar de fotografia é falar de como vemos o mundo, é identidade, é memória, verdade, é falar de como nos vemos. Siqueira fotografava as pessoas do vilarejo e, posteriormente, entregava as fotografias em um envelope com os nomes que ficavam expostas em uma espécie de varal.

Pensando na questão da visibilidade apresentada no vídeo, destaco o registro fotográfico no berçário como importante para a evidenciar o bebê que ainda não fala, mas demonstra seus desejos, intenções, descobertas, pensamentos, linguagem, relações e interações.

O professor pode pensar em uma sequência de imagens que venham ao encontro dessas evidências. As sequências de imagens são ações que demonstram a exploração da criança por objetos, brincadeiras e interações com o outro e com o meio.

---

<sup>6</sup> Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=Do2HhRQhQRM>>. Acesso: 13 nov. 2014

Imagem 03: Descoberta do relógio



Fonte: Reggio Children

Na imagem em destaque, mostra através de quatro fotos em sequência a ação de descoberta de um bebê com o objeto livro. Fica evidente suas tentativas, descobertas e elaboração de significados de sua experiência. É através das imagens que é possível narrar as experiências dos bebês, como mostra a sequência acima. A partir de um contato com a revista e sua observação dos relógios e descoberta do relógio da professora, percebe-se seus pensamentos e relações que se estabelecem entre os relógios da revista e da professora.

Desta forma, a imagem tem esse papel de “congelar” e evidenciar as ações das crianças promovendo espaços para a reflexão, cabendo ao professor colocar essas fotografias para serem discutidas. Contudo, fotografar não é só contar aquilo que existe, mas também apresentar uma interpretação.

### Registros fílmicos

A voz das crianças, suas expressões, ações, movimentos, olhares, muitas vezes não ficam tão evidentes nas fotografias, por isso, o registro audiovisual vem para complementar, principalmente no berçário.

O registro audiovisual garante a filmagens do som juntamente com a imagem em movimento. Através das filmagens, pode-se perceber sutilezas, detalhes ainda mais ricos, principalmente com os bebês, cujas ações, muitas vezes, acontecem rápido e passam despercebidos pela câmera fotográfica.

Para se trabalhar com filmagem, basta o professor ter uma câmera e um tripé o que é aconselhável para que a imagem não fique tremida. Quando o professor estiver fazendo a gravação dos bebês, o mesmo precisa ter consciência de que não é preciso observar e registrar tudo e todos. Pode-se selecionar poucas crianças por vez (duas, por exemplo), que através das propostas feitas pela professora poderá ficar evidente seus processos de construção do saber, bem como ajudar a professora a compreender a criança e auxiliar a enxergar as especificidades e diferenças de cada uma.

Todas as propostas devem ser planejadas e cabe ao professor escolher qual método de documentação irá utilizar, seja por registros fotográficos e ou por filmagens, bem como suas anotações no diário.

## 6 FINALIZANDO A CONVERSA

Esta pesquisa buscou perceber a importância da documentação pedagógica no berçário e a autoformação docente, bem como revelar a documentação pedagógica como uma ferramenta que evidencia as experiências das crianças, suas construções de narrativas, bem como a autonomia e as ações dos bebês. Deste modo, a documentação pedagógica constitui-se como um importante instrumento para a formação e autoformação dos professores como também para a avaliação e acompanhamento das crianças.

A finalidade deste trabalho foi a investigação das possibilidades de documentar as ações e interações dos bebês no contexto da Educação Infantil. O caminho traçado para alcançar os objetivos da pesquisa em questão foi desenvolvido em três etapas principais: a pesquisa bibliográfica, que auxiliou o embasamento teórico, a análise de pesquisas sobre o tema em questão, e, por fim, a proposição de formas de documentar no cotidiano das instituições de Educação Infantil.

Por meio da pesquisa bibliográfica, tive a oportunidade de conhecer e aprofundar os diversos tipos de documentação pedagógica, suas finalidades e diferenças. Dessa forma, pude evidenciar que a documentação pedagógica é um instrumento que evidencia as experiências das crianças, suas construções de narrativas, bem como a autonomia e as ações dos bebês.

Ao analisar as pesquisas, pode-se observar que a documentação pedagógica parte de um planejamento por parte do professor, que a mesma não parte do nada, ela é planejada, observada, registrada e posteriormente analisada. Porém, essa questão é contraditória, pois o que se percebe nas escolas é professores fotografando aleatoriamente sem nenhum planejamento e sem sentido tanto para o professor quanto para a criança. Cabe uma reflexão sobre o real sentido da documentação pedagógica na Educação Infantil, considerando as especificidades de cada fase.

Outro aspecto analisado, destacado através dos resultados, refere-se também ao modo como as crianças, no momento em que se sentem sujeitos ativos do processo de construção do conhecimento participam do mesmo. Quando a documentação pedagógica torna explícita a escuta das crianças, revelando seus pensamentos, ações, teorias e através dessa escuta aprendemos mais sobre elas e sobre o contexto ao qual a mesma está inserida.

A documentação auxilia o professor na avaliação e acompanhamento das crianças, pois, a partir do momento que o professor observa, reflete e registra, ele contempla o vivido, suas ações e ajuda a repensar o que a mesma pode vir a realizar. A documentação pedagógica

é uma forma de ouvir o que as crianças têm a dizer, a fim de ampliar os seus conhecimentos e contribuir para o seu desenvolvimento.

Outra contribuição da documentação pedagógica é quanto a autoformação docente, pois o professor, ao registrar suas práticas, constitui memória do seu trabalho, o mesmo como um produtor de saberes e autor de suas próprias práticas. É por meio do registro que o professor desenvolve a construção e reconstrução de sua prática.

Quando o professor observa e reflete sobre a sua prática educativa por meio dos registros, ele fornece elementos para o seu planejamento, pois, através da documentação, o professor investiga e reúne informações que o levam a refletir sobre suas práticas e aprendizagens da criança.

A documentação também é um processo de formação constante, além de autorreflexão para a formação de conceitos e teorias por parte do professor, também estimula o trabalho em equipe, partilha de conhecimentos, dúvidas e dificuldades.

A documentação, portanto, torna-se possibilidade na formação de professores porque se configura como um instrumento para o estabelecimento de ações e intervenções por parte dos professores com a finalidade de contribuir para que as crianças aprendam e se desenvolvam.

Considero que a documentação pedagógica contribuía tanto para o professor em seu processo de autoformação e formação docente, como para as crianças dando visibilidade e voz as mesmas, porém, é preciso pensar em propostas, disponibilizar tempo e espaço para as investigações e permitir o livre acesso aos materiais.

Ao pensarmos na documentação, precisa ser levado em conta as formas de registros, as observações e as reflexões acerca da mesma, como apresentado pelos autores Freire (1983), Kinney e Wharton (2009), Pecoits (2012) e Edwards e Gandini (2002). Ao unir este estudo aos trabalhos dos autores citados acima, busco, portanto, contribuir para o desenvolvimento do tema na área, reforçando a necessidade e relevância da intensificação das análises nessa direção.

Este estudo contribuiu com minha formação acadêmica e profissional, pois, ao estudar mais sobre a documentação pedagógica e sua importância na Educação Infantil e principalmente no berçário, fez com que eu revisse a minha prática enquanto docente, pois exige do professor pensar, observar as crianças na tentativa de compreender suas ações. A documentação pedagógica, a partir disso, começou a fazer parte do meu dia a dia na sala de aula.

Concluo este trabalho apontando a documentação pedagógica como de grande valia para a visibilidade e acompanhamento das crianças. A partir das análises pode-se perceber que a documentação pedagógica torna evidente a autonomia e as ações dos bebês, suas construções de narrativas, suas experiências, mas vai além, pois é também um rico instrumento de pesquisa para o professor observar, escutar e conhecer os bebês no cotidiano da Educação Infantil.

Por fim, este trabalho é apenas o início, fica o convite para novas descobertas. A documentação pedagógica é ampla e pode-se abrir diversas oportunidades para o estudo deste tema.

## 7 REFERÊNCIAS

- BENZONI, I. **Documentare? Si, grazie.** Maggioni Lino: Edizione Junior, 2001.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Pearson, 2007.
- CORREA, A.N. **Bebês produzem música?** O brincar-musical de bebê em berçário. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, 2013.
- DAHLBERG, G.; MOSS P.; PENCE, A. **Qualidade na educação da primeira infância:** Perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- FOCHI, P. S. **Mas os bebês fazem o quê no berçário, hein?** Documentando ações de ação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em contexto de vida coletiva. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2013.
- FREIRE, M. **A Paixão de conhecer o mundo:** relato de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Observação, registro e reflexão:** Instrumentos metodológicos. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.
- GANDINI, L.; GOLDBERGER, J. Duas reflexões sobre a documentação. In: GANDINI, L.; EDWARDS, C. (orgs.). **Bambini:** A abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- GIOVANNINI D. Características da Infância: Diário de uma Criança. In: GANDINI, L.; EDWARDS, C. (orgs.). **Bambini:** A abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- GOBBATO, C. **Os bebês estão por todos os espaços:** um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, 2011.
- GONTIJO, F.L. Documentação pedagógica como instrumento de reflexão e produção docente na educação infantil. **Paidéia** r. do cur. de ped. Da Fac. de Ci. Hum., Soc. e da Saú., Univ. Fumec. Belo Horizonte. Ano 8, n. 10, p. 119-134, jan./jun. 2011.
- GUIMARÃES, R. M. **Encontros, cantigas, brincadeiras, leituras:** um estudo acerca das interações dos bebês, as crianças bem pequenas com o objeto livro numa turma de berçário. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, 2011.
- KINNEY, L. WHARTON, P. **Tornando visível a aprendizagem das crianças.** Educação Infantil em Reggio Emilia. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LOPES, A. C.T. **Educação Infantil e registros de práticas.** São Paulo: Cortez, 2009.

MALAGUZZI, L. Histórias ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999

MARQUES, A.C.T.L. A documentação pedagógica na abordagem de Reggio Emilia. **Revista Eletrônica Pesquiaseduca**. v. 3, n. 5, p. 102 – 128, jan./jun. 2011.

\_\_\_\_\_. **A construção de práticas de registros e documentação no cotidiano do trabalho de Educação Infantil**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo - SP, 2010.

MARQUES, A.C.T.L.; ALMEIDA, M.I. A documentação pedagógica na Educação Infantil: traçando caminhos, construindo possibilidades. **R. Educ. Públ. Cuiabá**, v. 20, n. 44, p. 413 – 428, set/dez. 2011.

MELLO, S.A. **A educação das crianças de zero a três anos**. Marília, 2002, texto produzido para a disciplina de Metodologia da Educação Infantil FFC/ Unesp.

MELLO, S. A. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. Florianópolis: **Perspectiva**, v.25, n.1, jan/jun, 2007. Disponível em: <[http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva\\_2007\\_01/6-Suely.pdf](http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2007_01/6-Suely.pdf)>. Acesso em: 27 de jun. 2014.

MENDONÇA, C.N. **A documentação pedagógica como processo de investigação e reflexão na Educação Infantil**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Marília - SP, 2009.

PARODI, M. Prefazione. In: Benzoni, I. (org.). **Documentare? Sì, grazie**. Ranica: Edizioni Junior, 2001.

PASQUALE, M. **L'aete di documentare**: perchè e come fare documentazione. Milano: Marius, 2002.

PECOITS, S. **Querido diário?** Um estudo sobre registros e formação de professores. Porto Alegre: Editora letra 1, 2012.

PETRY, L. M. **Educação Infantil**: vida-história de grupo e(m) processos de criação. Tese (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, 2009.

PIKLER, E. **Moverse em libertad**: desarrollo de la motricidade global. Madrid: Narcea, 2010.

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia**: Escutar, investigar e aprender. 1.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

SHIORA, A. **O registro como mediação criadora de possibilidades**. Tese (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas – SP, 2009.

SILVA B.; CRAVEIRO C. O portfólio como estratégia de avaliação das aprendizagens na educação de infância: considerações sobre a sua prática. **Revista Zero-a-seis**. ISSN 1980-4512. v.I, n. 29, p. 33-53. jan-jul 2014

SOLÀ, M. B. I. A arte do pintor de paisagens. **Revista Pátio Educação Infantil**. São Paulo, Ano IV, n° 12, nov. 2006/fev. 2007, p. 40-42.

SONTAG, S. **Ao mesmo tempo**: ensaios e discursos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

STROZZI, P. Um sistema educativo em todos os momentos. **Revista Pátio Educação Infantil**. São Paulo, Ano IV n° 41, out. 2014.

VARGAS, G. M. S. **Bebês em suas experiências primeiras**: perspectivas para uma escola da infância. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Fronteira Sul - UFRGS, 2014.